

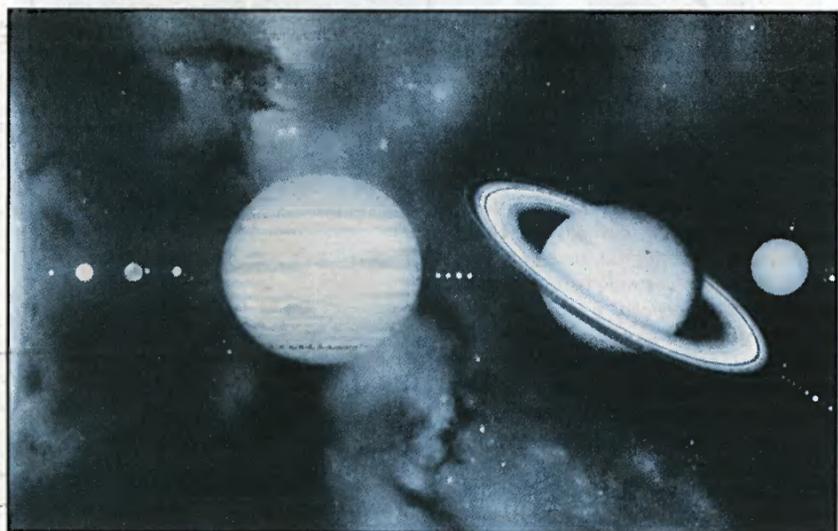
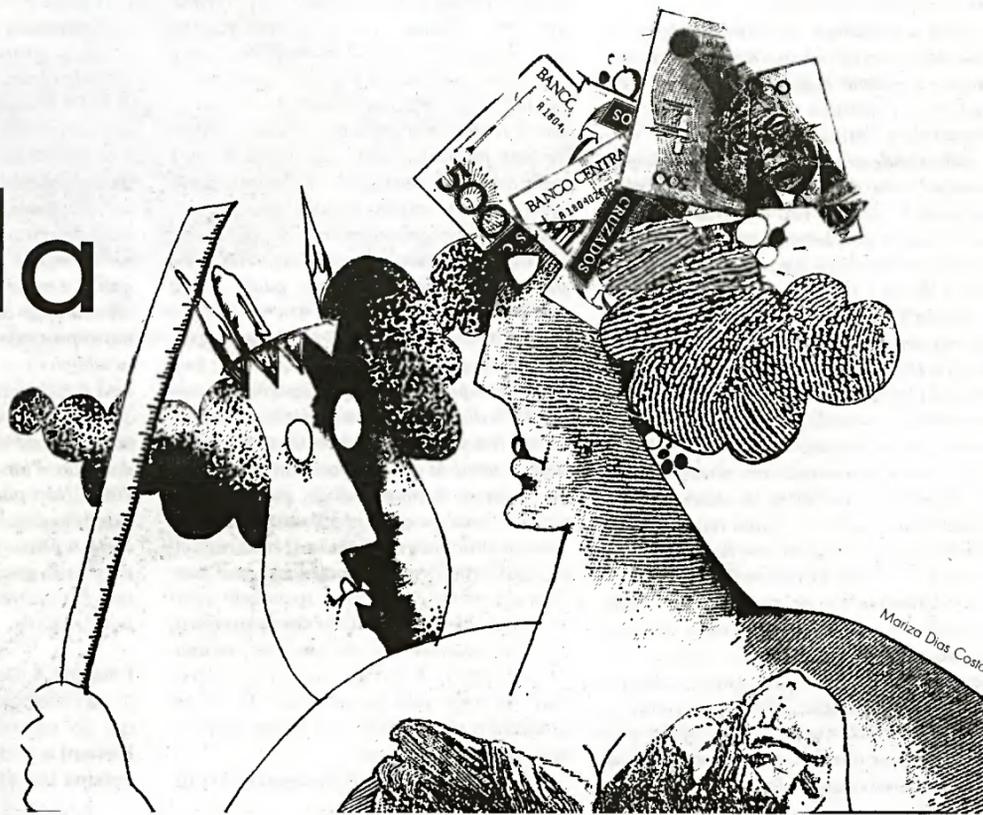
PERIGO NOS CÂMPUS

Psiquiatra traça perfil do aluno envolvido com drogas e monta estratégia preventiva para combater o problema. Págs. 12 e 13

Jornal da UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JUNHO/99 - ANO XIV - Nº 136

Qualidade reconhecida

Excelência da pesquisa amplia espaço da UNESP junto às agências de fomento. Págs. 8 e 9



Última fronteira

Físico prevê: em 15 anos o homem poderá conhecer os limites do universo. Pág. 6



Manicômio Franco da Rocha, em 1991

Muros da vergonha

Psicólogos se unem na luta contra os manicômios. Pág. 5

Mãe natureza em festa

Devastada desde o Descobrimento, Mata Atlântica poderá recuperar 25% de sua cobertura original. Pág. 16

Ovelhas desgarradas

Por que mais e mais católicos fogem rumo aos templos das seitas evangélicas. Pág. 7

Os professores José Menani e Laurival De Luca Jr. comentam artigo do pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Edmundo José De Lucca. Mais embaixo, a tréplica do pró-reitor

Onde está o estigma?

JOSÉ MENANI / LAURIVAL DE LUCA JR.

Gostariamos de tecer alguns comentários sobre a reflexão feita pelo professor Edmundo José de Lucca, pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP, na edição de março, nº 133, deste jornal, sob o título Recortes de cartolina. A maior parte do artigo constitui-se de afirmativas que requerem maior análise para uma reflexão frutífera.

Qual a frequência na área biológica do procedimento utilizado para se delinear pesquisas, conforme descrito no artigo? Seja qual for a frequência, por que este proceder empobrece a "missão da universidade"?

Subentende-se que o delineamento de pesquisa, tal como descrito, não está vinculado à realidade brasileira. Isto é estranho, porque sugere que os problemas básicos da Biologia existem em função de nacionalidades. Se Darwin e Wallace tivessem apenas a Inglaterra do século XIX em mente, é bem provável que eles não teriam obtido evidências para a teoria da seleção natural, que permite a compreensão da evolução dos seres vivos. A mesma coisa teria acontecido para a compreensão da transmissão do impulso nervoso se J.Z. Young não estivesse interessado em cérebros de lulas. E por que não dizer da descoberta da bradicinina, importante para reações inflamatórias e muitas outras, por Rocha e Silva e Beraldo, cientistas brasileiros?

O delineamento de pesquisa, tal como ilustrado no artigo, não diminui o valor da pesquisa, mas sem dúvida não é tudo, se por uma das missões da universidade entendermos produzir ciência. Muitas pesquisas se originam da observação de fenômenos e de perguntas que surgem como consequência. Somente depois é que se faz um levantamento

bibliográfico para nortear a pesquisa, evitando-se a duplicação do que já foi feito sobre o tema.

No quinto parágrafo do artigo, diz-se que "nas universidades brasileiras, e a UNESP não foge à regra, pesquisas não estrimadas em problemas colocados pela sociedade nem destinadas ao enfrentamento dos mesmos são produzidas em percentagem preocupante". Qual é a porcentagem de pesquisas da UNESP irrelevantes para a sociedade brasileira e por que é ela preocupante? Esta pergunta nos leva necessariamente a outras: o que o dr. De Lucca entende por pesquisa sobre "problemas não colocados pela sociedade"? Em outras palavras, existe algum estudo que permita classificar inequivocamente as pesquisas da UNESP segundo o grau de relevância para a sociedade? Se existe, quais são os parâmetros de relevância?

À falta de uma definição a estas perguntas, fica impossível sintonizar qualquer projeto de pesquisa com a preocupação levantada. Além disso, restringir a missão da universidade aos problemas levantados pela sociedade é tomá-la apenas por uma prestadora de serviços. A universidade, por ter como uma de suas funções precípua ampliar as fronteiras do saber, deve não apenas responder aos problemas da sociedade, mas também descobrir e indicar à sociedade quais são os problemas e quais os caminhos novos a serem seguidos. Ou seja, combinar pesquisa com ensino. É isto que coloca a universidade na vanguarda da sociedade. É isto que constitui a sua essência e a define. Este é o seu atributo e seu dever.

O conteúdo do 8º e 9º parágrafos do arti-

go é surpreendente. Lá, diz-se que "Referentes à Extensão Universitária, são ainda incommuns as atividades desenvolvidas por universidades brasileiras com fundamento em prioridades institucionais preconcebidas e projetos de forte conteúdo acadêmico-social e de sentido de longo prazo". E mais: "Na UNESP, consoante o estabelecido no 'Plano de Gestão UNESP/ 1997-2000', vem sendo implementada uma política que tem por finalidade a institucionalização e a valorização das atividades de extensão (...)." Afinal, a UNESP já exerce há muito tempo atividades de extensão de indiscutível importância para a comunidade. Senão, como entender os projetos de apoio ao 2º grau e atividades sociais, as atividades clínicas, as consultorias nas mais diversas áreas e muitos outros? Tomando exemplos gritantes na área biológica, qual é o setor da sociedade que considera o atendimento odontológico, médico e veterinário prestados pela UNESP como serviços acadêmicos e sociais irrelevantes? Onde está o estigma?

Que as atividades de extensão devam ter caráter acadêmico e de pesquisa não é novidade do Plano de Gestão UNESP/ 1997-2000. Não poderia ser de outra forma. A extensão desalijada do ensino e da pesquisa seria o passo definitivo para tornar a universidade apenas uma prestadora de serviços. Esta seria a maior ameaça à missão da universidade.

Laurival A. De Luca Jr. é professor adjunto de Fisiologia da Faculdade de Odontologia do câmpus de Araraquara. José V. Menani é professor titular de Fisiologia na mesma faculdade.

Qualidade e compromisso

EDMUNDO JOSÉ DE LUCCA

1. Nos últimos tempos, são cada vez maiores as exigências colocadas pela sociedade à universidade. Face a estas exigências, compartilho a perspectiva de que a universidade pode e deve combinar o máximo de qualidade acadêmica com o máximo de compromisso social.

2. Conforme lembra o prof. Brito Cruz, presidente da Fapesp, no Brasil 9 mil cientistas encontram-se nas indústrias, 60 mil nas universidades e 12 mil nos institutos de pesquisa. Esta particular situação reserva à universidade brasileira importante papel no desenvolvimento do País.

3. A Fapesp, que antes destinava seus recursos financeiros exclusivamente à formação de recursos humanos, atua hoje, também, para estreitar as relações do Sistema Estadual de Pesquisa com a sociedade em geral, mediante Programas e Projetos à conta dos quais, ainda que não sendo decorrentes de

investigação desinteressada ou descomprometida, é feita ciência do mais alto nível, sintonizada com a realidade nacional. Exemplo desta atuação na área biológica: o Programa Genoma, que compreende o seqüenciamento da Xylella fastidiosa, os Projetos Genoma-Câncer e Genoma-Cana, além de vários Projetos Temáticos.

4. Propugno por uma maior participação da UNESP nestas iniciativas da Fapesp e outras de igual natureza, de interesse científico-tecnológico, direcionadas à solução de problemas da sociedade brasileira, como o Programa de Políticas Públicas.

5. É preciso reconhecer, vários são os entendimentos sobre o que é extensão universitária. Alguns a identificam com a prestação de serviços. Outros, consideram que fazer extensão significa ministrar cursos de reciclagem ou complementação profissional. Isto para não falar do difundido en-

tendimento de que extensão universitária significa "estender o conhecimento da universidade para fora de seus muros". Tudo isso é extensão universitária, mas extensão universitária é mais que tudo isso.

6. Por esta concepção, a atividade de extensão universitária só tem sentido se, prioritariamente: gerar novos conhecimentos ou retroalimentar os já existentes; contribuir com novas condições formadoras para os alunos, intra e extra-muros, e com a atualização dos programas das disciplinas e/ou renovação de currículos de cursos.

7. A UNESP desenvolve inúmeras atividades de extensão de indiscutível importância para a sociedade, e o artigo Recortes de Cartolina não afirma o contrário.

Edmundo José De Lucca é pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP.

CARTAS

DIVULGAÇÃO

Parabenizo a toda a equipe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP pelos excelentes trabalhos de divulgação prestados à comunidade universitária. Cito, em especial, a edição de abril último do *Jornal da UNESP*, onde são retratadas realizações atinentes a este câmpus, como a reportagem de capa *O preconceito faz escola* e a publicação de três livros sobre aspectos relevantes do Direito no Brasil.

Luiz Antonio Soares Hentz, diretor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca.

NELSON RODRIGUES

Com a publicação da biografia de Nelson Rodrigues, *O Anjo Pomográfico*, de Ruy Castro, e a sistemática reedição de suas obras completas, o genial dramaturgo e cronista vem, enfim, conquistar o lugar que lhe é de direito nas letras brasileiras. O *Jornal da UNESP* mais uma vez mostrou-se sensível à contemporaneidade, publicando, em sua edição de abril último, nº 134, reportagem intitulada *Sórdido, imoral. Gênio*, sobre a atualidade da obra de Nelson e como ela dialoga com outras formas de expressão, como o cinema e a televisão. Parabéns.

Daniela Rosário, pedagoga. Campinas, SP.

SEXUALIDADE DO DEFICIENTE

Sou professora da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp e, na qualidade de chefe de departamento, recebo periodicamente o *Jornal da UNESP*, que leio com atenção. Gostaria de parabenizá-los pela qualidade dos artigos publicados. Fiquei bastante interessada pela reportagem veiculada na edição de abril último, nº 134, intitulada *A sexualidade do deficiente*. Gostaria, se possível, de obter o telefone de Hugues Costa da França Ribeiro, da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília, autor do trabalho, para colher outras informações sobre o assunto.

Cecília A. C. Zavaglia, Chefe do Departamento de Engenharia de Materiais da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp.

O telefone do professor Hugues Costa Ribeiro, no Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília é (014) 421-1231.

DOENÇA DE CHAGAS

Parabéns pela reportagem *Perto da cura*, sobre pesquisas para o preparo de uma vacina contra a doença de Chagas, publicada no *Jornal da UNESP* de abril último, nº 134. O texto foi muito bem recebido em todo o câmpus de Araraquara. Regina Maria Barretto Cicarelli, bióloga e professora do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas do câmpus de Araraquara.

FOTO DA CAPA

Vocês se superam a cada edição. Excelente o jornal de abril, nº 134. Destaco, principalmente, a fotografia da capa, sobre o preconceito racial nas escolas de ensino fundamental.

Valeska Mateus, quarianista de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, Unaerp.



Hélcio Toth

BANANÉRE

Li com satisfação a matéria sobre o livro *Juô Bananére - As Cartas d'Abax'o Pigues*, de minha autoria, publicada na edição de maio último do *Jornal da UNESP*. O texto, as ilustrações e a paginação são primorosos. Apreciei, particularmente, o título instigante da resenha, "Prazer, depois do susto inicial", e a recriação do visual da revista *O Pirralho* na abertura da matéria. Em tempo: também não me evergonhei da foto escolhida.

Benedito Antunes, professor do Departamento de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araçatuba), Wellington Dinelli (FO-Araçatuba), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), José Roberto Fernandes (IQ-Araçatuba), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Os-

valdo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Eurípedes Alves da Silva (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Renata Franco e Waltair Martão (reportagem); Regina Agrella (fotografia); Mariza e Paulo Zilberman (ilustração)

Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br home-page: http://www.unesp.br
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

ADMINISTRAÇÃO

Boas novas aos inventores

Universidade cria Escritório de Patentes, para auxiliar registro de invenções de pesquisadores

Não são poucos os casos de pesquisadores da UNESP que, depois de terem chegado a bons resultados, após anos e anos de estudos e trabalhos, viram suas descobertas renderem frutos para outros pesquisadores, de outras instituições. Por absurdo que possa parecer, muitas vezes o tempo e o esforço dispendidos para levar a bom termo uma pesquisa são menores que a energia necessária para registrá-la e, conseqüentemente, comercializá-la. Ao término de uma investigação científica, o pesquisador que queira patentear sua descoberta ou sua invenção terá pela frente um verdadeiro calvário. Foi pensando em tomar esse processo menos espinhoso que a Fundunesp – Fundação para o Desenvolvimento da UNESP –, por meio de sua diretoria de fomento à pesquisa, criou o Escritório de Patentes.

Essa assessoria ao pesquisador, que até aqui era feita de maneira informal, segundo Antonio Carlos Massabni, diretor de Fomento à Pesquisa e responsável pelo escritório, passa a ser sistematizada. “Com a atuação do escritório, o processo deve ser mais rápido, ou menos demorado, já que as exigências para se conseguir uma patente são muitas e complexas”, diz. Massabni esclarece que o tempo e a complexidade das exigências variam de acordo com o tipo de patente requerida. “Se a patente é para um modelo de utilidade, isto é, para uma invenção que adapta alguma coisa que já existe, o registro tende a ser mais rápido”, esclarece. “As invenções inéditas, sem similares, são as mais demoradas.”



SESSÃO SOLENE
Massabni, Machado Neto, Amilton Ferreira, diretor-presidente da Fundunesp, e Francisco Araújo Câmara, representando Marney Cereda: duas vitórias

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Antes mesmo que fosse criada uma infraestrutura física, o Escritório de Patentes, que deve funcionar junto ao prédio da Fundunesp, em São Paulo, já conseguiu duas vitórias: o reconhecimento às pesquisas da engenheira agrônoma Marney Cereda, diretora do Cerat – Centro de Raízes Tropicais –, unidade com-

plementar do câmpus de Botucatu, e do engenheiro agrônomo Joaquim Gonçalves Machado Neto, do Departamento Fitossanidade da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal. As patentes foram entregues aos pesquisadores em sessão solene do Conselho Universitário, em abril último. A descoberta de Marney é um gel de fécula de

mandioca e amido para cultivo de plantas *in vitro*, 80% mais barato que os comumente usados. Para Machado Neto, que criou uma roupa de proteção que cobre toda a parte frontal do operário, no momento da aplicação de agrotóxicos, a criação do escritório é de extrema importância. “Ele deve viabilizar as patentes dos nossos inventores, fazendo com que a Universidade retome à sociedade os frutos do nosso trabalho.”

Para que o requerimento de patente seja encaminhado ao Inpi – Instituto Nacional de Propriedade Industrial –, órgão que cuida dos registros, o trabalho do pesquisador terá, antes, que ser aprovado por uma comissão de avaliação, a ser criada. “Essa comissão, formada por pesquisadores da UNESP das diversas áreas, deverá ser enxuta e bastante funcional”, considera Massabni. “Ela avaliará o que pode e o que não pode ser patenteado.” Como exemplos de processos em andamento, aguardando aprovação do Inpi, o diretor de fomento à pesquisa cita “Aparato de volumetria de órgãos vegetais de objetos irregulares”, do professor Augusto Ferreira da Eira, da Faculdade de Ciências Agrônomicas do câmpus de Botucatu, e “Câmara de flotação para separação de microorganismos”, da professora Cecília Lalueco, do Instituto de Química do câmpus de Araraquara. “Com o escritório, ganham o pesquisador e a Universidade, que têm salvaguardados seus direitos”, conclui Massabni.

SEMINÁRIO



EXAME
Maria Inês (no detalhe) e a reunião: legitimidade

O ENEM, sem segredos

VUNESP promove debate sobre o Exame Nacional do Ensino Médio

No último dia 11 de maio, a Fundação para o Vestibular da UNESP (VUNESP) promoveu o seminário *O ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio*, com o objetivo de obter maiores esclarecimentos sobre esse exame. Para isso foi convidada, como expositora, a pedagoga Maria Inês Fini, coordenadora nacional do ENEM. “Além de nos repassar maiores informações sobre o exame, esse seminário se enquadra num conjunto de outros que estamos realizando, para divulgar nosso vestibular”, explica José Ribeiro Júnior, diretor-presidente da VUNESP. “Queremos também divulgar que vamos considerar os resultados do ENEM na nota final do nosso vestibular. Além do seminário, vamos mandar mala direta para os cerca de 65 mil candidatos reprovados no vestibular passado, informando sobre essa novidade.”

CAPACIDADE DO ALUNO
Em sua palestra, Maria Inês explicou que o

ENEM, implantado em 1998, é uma avaliação diferente das avaliações já propostas pelo Ministério da Educação e do Desporto, MEC. “Ele avalia as possibilidades individuais dos estudantes de enfrentar problemas do dia-a-dia, sejam eles de natureza pessoal, relacionados ao trabalho, envolvendo tarefas previstas para a universidade ou até mesmo de relacionamento social”, disse. “O ENEM permite avaliar a capacidade que o aluno tem para utilizar os conhecimentos adquiridos na escola na resolução de problemas cotidianos.”

Maria Inês vê com bons olhos a decisão das universidades estaduais públicas de São Paulo – UNESP, USP e Unicamp – de adotarem parcialmente os resultados do exame na nota final dos seus vestibulares. “Essa decisão vai valorizar o ENEM”, avaliou. “Vai lhe dar legitimidade.” Ela acredita também que essa decisão fará com que aumente o número de estudantes decididos a participar das provas do ENEM.

EXPANSÃO



PESQUISA E EXTENSÃO
Praia de Paranapuã, na Baixada: área de atuação do Cepel

Um novo câmpus, no litoral

Cepel leva ensino superior público à Baixada Santista

Desde o último dia 13 de maio a UNESP conta com mais um câmpus. O Cepel, Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista, com sede em São Vicente, na Baixada Santista, vem somar-se aos 15 câmpus que compõem a Universidade. Criado em 1988 como Projeto Experimental, o Cepel foi transformado em Unidade Complementar em 1994. Sua condição de câmpus, como explica o coordenador Antonio João Cansian, vem ao encontro de expectativas da população, que há tempos reivindica a implantação do ensino superior público na Baixada. “Uma de nossas prioridades é o oferecimento, no menor espaço de tempo possível, de cursos de graduação”, diz Cansian, agrônomo com especialização em fisiologia vegetal e professor de Ecologia na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal. “Para isso, já estamos preparando um diagnóstico junto a autorida-

des e instituições locais para identificar demandas.”

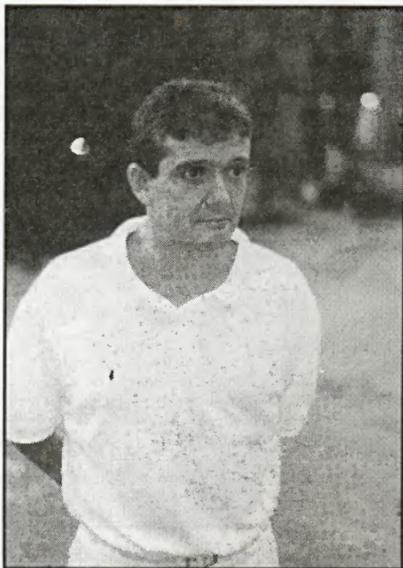
Trabalhando em sintonia fina com a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, o Cepel viverá, nos próximos 60 dias, um período de transição. Nestes dois meses, segundo decisão do Conselho Universitário, deverá ser definida a estrutura e a forma de funcionamento do novo câmpus. “A estrutura que se tinha ali, de unidade complementar, há tempos não era adequada ao centro”, considera Sheila Zambello de Pinho, diretora do Instituto de Biociências do câmpus de Botucatu e presidente da comissão especial criada para avaliar a situação do Cepel. “Além do esforço canalizado para a criação de cursos de graduação, já estamos buscando parcerias nas áreas de ensino, saúde pública e meio ambiente”, enumera Cansian. “Nossa intenção é privilegiar as atividades de extensão e os cursos de especialização.”

Uma dor de cabeça a menos

Centro presta atendimento de primeira a pacientes com disfunção craniomandibular, mal que acomete 7 milhões de brasileiros

Embora a designação clássica do mal seja pouco conhecida, muitos já sentiram na pele – e nos dentes, músculos, ossos e terminações nervosas – seus efeitos indesejáveis. Afinal, a maioria dos sintomas provocados pela disfunção craniomandibular – é esse o nome da “vilã” – pode ser confundida com outros males. Conhecida resumidamente entre odontólogos e médicos como “DCM”, o mal pode causar dor de cabeça, dor de ouvido, estalos ou crepitação na mandíbula, cansaço muscular na face, ranger dos dentes e dificuldade ou até mesmo impossibilidade de abrir a boca. Cerca de 5% da população mundial é acometida pela DCM, e só no Brasil esse contingente chega a 7 milhões de pessoas. Paradoxalmente, no entanto, esses pacientes brasileiros contam com apenas três dezenas de especialistas para minorar-lhes os incômodos. Parte desses especialistas têm passagem pelo Centro de Oclusão e Articulação Temporomandibular (Coat) da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, no câmpus de São José dos Campos, um dos principais do País. “Somos um centro de referência nacional, na área, e atendemos cerca de 160 pessoas por semana, que vêm do Vale do Paraíba, da Capital do Estado, do sul de Minas Gerais e do Rio de Janeiro”, diz o cirurgião-dentista Wagner de Oliveira, coordenador do Coat.

O centro surgiu em 1985, por iniciativa do odontólogo Ruy Fonseca Brunetti, integrante do primeiro corpo docente da FO e hoje, embora aposentado, professor dos cursos de pós-graduação na área de prótese da faculdade e um dos precursores do estudo da Odontogeriatría no País. “O Coat foi pioneiro em prestar assistência diferenciada numa



Fotos Hélio Toth

REFERÊNCIA

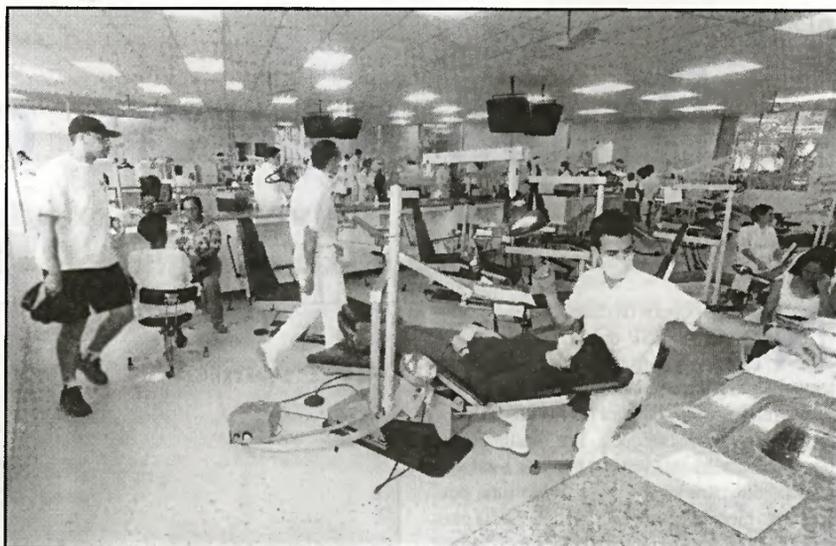
O coordenador Oliveira: qualidade

área que tem muito contato com a Medicina. Também buscamos suprir a carência de atendimento da DCM no Brasil e, ao mesmo tempo, formar mão-de-obra especializada”, diz o docente, professor emérito da FO.

DESVIO DE NORMALIDADE

Oliveira, que assumiu a coordenação do Coat em 1995, com a aposentadoria de Brunetti, explica o que vem a ser a DCM. “É uma disfunção do funcionamento do sistema mastigatório, que envolve dentes, músculos, ligamentos e a articulação temporomandibular, que chamamos de ATM”, resume. “Qualquer desvio de normalidade causa alteração funcional dessas estruturas e gera dor.” De fato, foi a dor que levou a dona de casa Maria das Graças ao Coat, há duas semanas. “Minha cabeça latejava a noite toda”, ela confirma. O estudante Nivaldo Indena chegou ao Coat com problemas parecidos aos de Maria das Graças e teve sua DCM resolvida em pouco tempo: “Meus dentes não paravam de ranger, e isso provocava dores por todo o meu rosto”.

A causa da DCM é muito estudada, mas ainda gera dúvidas. “A má oclusão e o estresse emocional, por exemplo, faz com que os músculos trabalhem de uma forma hipe-



DIAGNÓSTICO

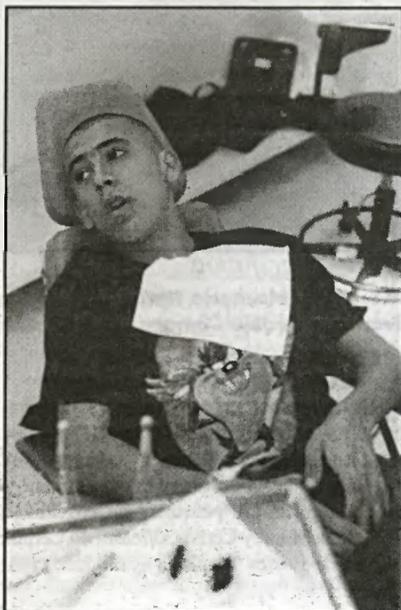
Instalações do Coat (acima) e Indena: dores no rosto e dentes rangendo

do curso de Odontologia da FO. “A disciplina é extra-curricular, mas as referências são tão boas que ninguém deixa de cursá-la”, comenta Oliveira, que supervisiona, ao lado de nove colaboradores, o atendimento dos formandos. “Os pacientes repetem, na prática do consultório, o que nos é ensinado na teoria. Chegam reclamando de dor e têm uma história de fracassos na tentativa de solucionar o problema”, avalia o quartanista André Luiz Cervantes Jorge, 24 anos.

Com base em pesquisa realizada com 1130 pacientes do Coat, entre 1992 e 1995, Oliveira verificou que a pessoa, ao sentir dores na cabeça ou no pescoço, acaba procurando um médico clínico geral ou um otorrinolaringologista, sem suspeitar de que é vítima da DCM. “Cerca de 32% de nossos pacientes chegam aqui encaminhados por profissionais da área médica”, conta o coordenador do Coat.

Há duas preocupações básicas no centro: o diagnóstico diferencial e o tratamento dos sintomas. “Os tratamentos, às vezes, são demorados. Nos casos mais simples, porém, é possível combater a dor com o uso de placas oclusais ou pequenos acréscimos de dente que evitam a má mastigação”, avalia Oliveira.

Responsáveis, respectivamente, pela criação e crescimento do Coat, os odontólogos Brunetti e Oliveira têm uma certeza. “Nossos alunos e colaboradores ganham aqui uma experiência que não obteriam em outro lugar. Além disso, nossos sucessos e insucessos são semelhantes ao que há de melhor na literatura mundial, o que nos dá a certeza de que oferecemos à comunidade um serviço de primeiríssima qualidade”, conclui o atual coordenador.



rativa. Com isso, os dentes se desgastam, modificam sua posição e a articulação começa a sofrer processos degenerativos”, explica a odontóloga Rosa Maria Assis Villela, um dos 39 profissionais da equipe multidisciplinar que colabora no Coat (veja quadro). O centro funciona às terças-feiras. Na parte da manhã, os pacientes são atendidos pelos colaboradores – profissionais formados na FO ou em outras faculdades de odontologia que ali buscam aperfeiçoamento profissional. “Me formei na USP, trabalhei em Portugal por doze anos e nunca vi nada parecido com o Coat”, diz o odontólogo e colaborador Antonio Prado Alves.

TENTATIVAS FALHAS

À tarde, o atendimento à população é prestado pelos 52 alunos do quarto ano, o último,

De cair o queixo

Equipe reúne também fonoaudiólogas, fisioterapeuta e psicóloga

Os diferenciadores do Coat, além da prestação de serviços numa especialidade ainda pouco conhecida no Brasil, são a abordagem multidisciplinar e o atendimento individualizado. Além de dentistas, o centro conta com duas fonoaudiólogas, uma fisioterapeuta e uma psicóloga. “O tracionamento do queixo e o posicionamento incorreto da língua podem, por exemplo, levar a pessoa a privilegiar a respiração pela boca”, diz a fonoaudióloga Helena Watanabe. “Muitas vezes, existe uma associação entre a disfunção craniomandibular e os problemas da fala.”

Problemas de postura e de fadiga muscular da região da face e do pescoço, que podem ser a consequência, por exemplo, de carregar pesadas mochilas escolares, são a preocupação da fisioterapeuta Ma-



TERAPÊUTICA

A fisioterapeuta Maria e a fono Helena: relação de confiança

ria Tereza Valério. “Além de indicar possíveis causas, mostro como é possível combater a dor, seja por meio de aplicações de calor ou com exercícios



de alongamento.” A tensão muscular gerada pelo estresse é a área de atuação da psicóloga Maria de Fátima Primo. “O paciente que nos procura ge-

ralmente vem de um histórico de insucessos no diagnóstico da dor que sente. É comum que ele esteja extremamente deprimido. Às vezes é agressivo e fala compulsivamente, por ter passado inutilmente pelas mãos de cinco, seis especialistas”, relata.

Para Ruy Fonseca Brunetti, criador do Coat, o atendimento especializado e personalizado é um dos principais motivos da excelência do centro. “O conceito básico é que o mesmo paciente seja atendido sempre pelo mesmo dentista”, resume. “Ele recebe toda a atenção, com tempo para conversar com o odontólogo e estabelecer uma relação de reciprocidade e confiança. A criação desses vínculos é um fator terapêutico essencial. Essa é a filosofia que norteia o Coat, de sua fundação até os dias de hoje.”



Mais louco é quem me diz

“**P**or uma sociedade sem manicômios.” Com esse lema, repetido à exaustão em conferências e passeatas de conscientização em diversas cidades do País, psicólogos brasileiros se engajam, todo 18 de maio, no Dia da Luta Antimanicomial, celebrado desde 1988, para denunciar as violências e as arbitrariedades praticadas nas clínicas psiquiátricas de todo o Brasil. “O manicômio está totalmente ultrapassado como forma de tratamento. Há uma tendência mundial e irreversível no sentido de reorientar a terapêutica dos problemas psíquicos, com alternativas mais humanistas, em ambulatórios de saúde mental, centros de atenção psicossocial e unidades de orientação psicológica”, diz o psicólogo Silvio Yasui, professor do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

Integrante da Equipe de Supervisão dos Hospitais do Estado de São Paulo da Secretaria Estadual da Saúde, responsável pelo controle da qualidade dos serviços prestados pelos hospitais psiquiátricos particulares conveniados ao Sistema Único de Saúde (Sus), Yasui lembra que, no Brasil, os manicômios são usados como depósitos de pessoas desajustadas. “O critério de exclusão social acompanha os manicômios”, diz. “Essas instituições são, hoje, depositárias daquilo que a sociedade não consegue administrar, como os excêntricos e os mendigos” (Veja quadro.)

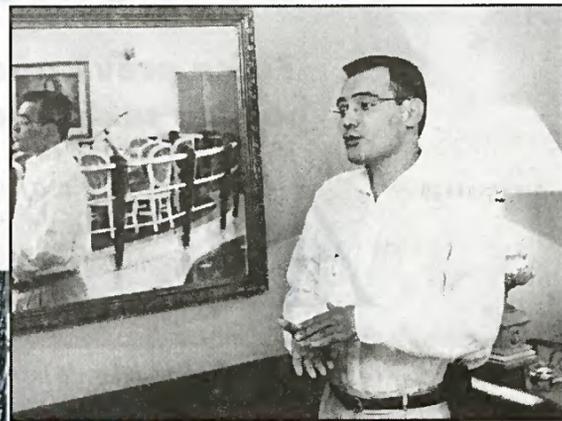
O psicólogo está preparando uma dissertação de mestrado sobre os passos da reforma psiquiátrica no País. Desde o final da Segunda Guerra, após o trauma da exclusão étnica promovida pelos nazistas, o mundo busca novas formas de assistência aos doentes mentais. Na Itália, por exemplo, desde 1978 os manicômios são banidos por lei. No Brasil, eles permanecem. “A manutenção das internações é um grande negócio”, denuncia Yasui.

LOBBY NO CONGRESSO

Os 90 mil leitos psiquiátricos existentes no País, 85% deles privados, consomem cerca de R\$ 116 milhões dos R\$ 500 milhões que o Sus gasta anualmente com internações de todo tipo. “Assumir que 50% ou mais desses pacientes não deveriam ficar nos hospitais psiquiátricos gera um corte substancial nas verbas dessas instituições”, avalia o psicólogo.

O lobby para a manutenção dos hospitais psiquiátricos, segundo Yasui, é tão forte que, desde 1988, corre, no Congresso Nacional, o Projeto de Lei nº 3.657, do deputado Paulo Delgado (PT-MG), propondo a extinção dos manicômios e sua progressiva substituição por tratamentos alternativos. Aprovado, com emendas, no Senado, em janeiro deste ano, voltou para a Câmara dos Deputados e espera nova votação. Para a psicóloga Sueli Martins, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru, os hospitais privados e as indústrias farmacêuticas podem ser apontados como responsáveis

Psicólogos questionam conceito de “loucura” e se unem na luta contra os manicômios



HOSPÍCIOS

Yasui: manicômios são depósitos de desajustados

pela lenta tramitação da reforma psiquiátrica no Congresso. “Sem internação e com atendimento preventivo, o consumo de medicamentos vai diminuir.”

Para Yasui, pior que a demora na votação é a alteração do espírito reformista da versão original do Projeto. “Inicialmente, ele previa a proibição da construção de novos manicômios e a progressiva substituição dos existentes por formas alternativas de tratamento. As emendas, ao contrário, apontam para a construção de novos manicômios nas cidades que ainda não tenham esse serviço”, denuncia. Menos mal, teria, segundo o psicólogo Osvaldo Gradella Junior, da Faculdade de Ciências do câmpus de Bauru, o mérito de dar visibilidade à questão da doença mental. “O Projeto sinaliza reformas importantes no futuro.”

Com base em leis de 1934, internar uma pessoa é relativamente fácil, no Brasil. “Basta um laudo psiquiátrico ou a determinação judicial de que alguém pode colocar em risco a sua vida ou a de outros”, aponta Yasui. “No caso de serial killers ou outros crimes hediondos, se laudos periciais específicos comprovarem loucura do réu, a pena imposta não será cumprida em estabelecimento prisional, mas em manicômio judiciário”, explica o advogado Hélio Borghi, professor de Direito Civil da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca.

Lentamente, as atividades promovidas pelos psicólogos engajados na Luta Antimanicomial vão produzindo resultados. A existência da comissão de fiscalização que Yasui integra é uma prova disso. “Descredenciamos, desde 1994, cerca de 2 mil leitos de instituições que não ofereciam um mínimo de qualidade”, conta Yasui. “Derrubar os muros dos manicômios e adotar formas de assistência ao doente mental que não o afastem da convivência social continua sendo a nossa luta”, conclui a professora Sueli.

Oscar D’Ambrosio



O sono do razão produz monstros. Da série Copríncipes, de Goya (1746-1828)

Coisa de doido

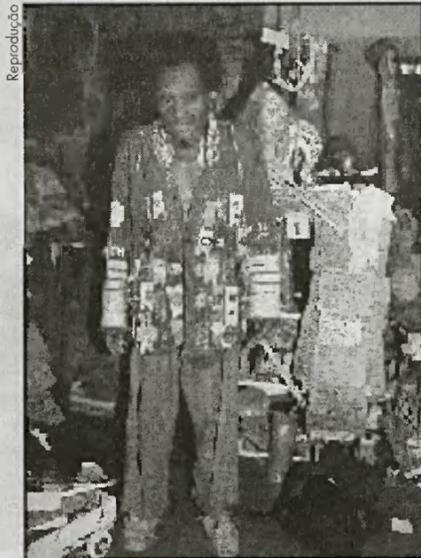
A arte dos estranhos no ninho

As visões sobre o que é ser louco variaram muito ao longo da História. Na Idade Média, a loucura era relacionada à bruxaria. No Renascimento, passou a ser considerada antídoto à monotonia da existência organizada. No século XX, o filósofo francês Michel Foucault, com livros como *História da Loucura* (1961), estudou a evolução do discurso médico e institucional sobre a loucura ao longo dos séculos. “Mostrou que, mais que um fenômeno psicológico, a loucura é uma fuga aos padrões sociais considerados aceitáveis”, avalia Osvaldo Gradella Junior, da FC, câmpus de Bauru. “Infelizmente, hoje ainda é forte a idéia de que o louco

deve ser segregado”, completa a docente Sueli Martins.

No campo da arte, nomes como Antonin Artaud e Van Gogh são comumente relacionados à loucura. Na literatura brasileira, o psicólogo Silvio Yasui, da FCL, câmpus de Assis, destaca a novela “O alienista”, de Machado de Assis. “Escrita em 1881, questiona os limites entre razão e loucura. E permanece atual.” Segundo a professora Sueli, o mesmo acontece com o filme *Um estranho no ninho* (*One Flew Over the Cuckoo’s Nest*, 1975), de Milos Forman, com Jack Nicholson. “Mostra como o tratamento pode ser desumanizado e caracterizado por maus-tratos.”

Para Yasui, um paradigma da forma



Bispo do Rosário: arte da melhor qualidade

equivocada de tratar os chamados “loucos” é o que aconteceu com Arthur Bispo do Rosário (1911-1989). Internado desde 1939 sob o diagnóstico de esquizofrenia, na Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, produziu mais de mil bordados e colagens. “Ao morrer, um mundo maravilhoso foi descortinado. Boa parte de seu trabalho, porém, se perdeu, porque muitos achavam que aquilo era coisa de doido, ignorando que se tratava de arte. E da melhor qualidade”, lamenta Yasui.

(O.D.)

ENTREVISTA

Mundo velho, com porteiras

Físico prevê que em 15 anos o homem poderá conhecer os limites do universo

Ao olhar para o céu, à noite, tem-se a impressão de que ele nunca termina. Mas será o firmamento, de fato, infinito como parece? Essa questão tem preocupado mais e mais os pesquisadores da Topologia do Universo, área em que a Matemática e a Física se encontram. Entre os maiores estudiosos do assunto, há um brasileiro, o físico e especialista em teoria da gravitação e cosmologia Helio Fagundes, do Instituto de Física Teórica (IFT) da UNESP, câmpus de São Paulo. Um dos sinais inequívocos desse reconhecimento internacional é a inclusão do nome de Fagundes no artigo "Is Space Finite?", publicado na edição de abril da prestigiosa revista de divulgação científica norte-americana Scientific American, das mais importantes do planeta. A revista coloca Fagundes, 65 anos, bacharel pela USP, mestre pelo California Institute of Technology, dos Estados Unidos, e doutor e livre-docente pelo IFT, ao lado de Dimitri Sokoloff, da Universidade de Moscou, Viktor Shvartsman, da Academia Soviética de Ciências, e de J. Richard Gott III, da Universidade de Princeton, como pioneiro nessa área de pesquisa.

Jornal da UNESP – O que, exatamente, a Topologia do Universo estuda?

Helio Fagundes – Como ramo da Matemática, a Topologia estuda as formas espaciais. Por exemplo: sobre um plano, uma linha reta é uma forma aberta, e o círculo, uma forma fechada, que envolve uma região finita, o disco. A figura do número oito é fechada e possui duas regiões finitas, que se tocam. A topologia do universo exige formas de três ou quatro dimensões, e aí a intuição não ajuda. Toma-se necessário o formalismo matemático

JU – O universo, afinal, é finito ou infinito?

Fagundes – Há 15 anos venho estudando os vários modelos baseados na finitude do espaço, hipótese que considera a possibilidade de que uma fonte de luz, como uma galáxia, possa produzir duas ou mais imagens em lugares diferentes do céu. Na cosmologia padrão, o universo costuma ser representado por um espaço infinito, mas as observações astronômicas realizadas até hoje têm alcance limitado. É cedo para uma resposta definitiva.

JU – O homem poderá chegar a uma conclusão sobre as dimensões reais do universo?

Fagundes – A questão da finitude do universo foi, até hoje, objeto apenas de especulação e cálculos matemáticos, mas pode encontrar uma resposta científica mais precisa nos próximos anos. Graças às observações cada vez mais detalhadas e exatas da imensidão do espaço, permitidas pelos avanços da tecnologia astronômica e espacial, o homem

poderá, sim, chegar a essa resposta, talvez em uma ou duas décadas.

JU – E o que mudaria a partir dessa eventual descoberta? Haveria alguma consequência prática?

Fagundes – O mais importante é o novo conhecimento em si. A partir dele, o engenho humano sempre encontra aplicações, teóricas e práticas, que não podemos prever. Imagino que o conhecimento de que o universo é finito vá exigir algumas modificações em algumas teorias, como a dos campos quânticos. Do ponto de vista prático, eventualmente as viagens e as comunicações espaciais podem ter de levar o fato em conta.

JU – É possível estabelecer prazos para que se conheçam, afinal, as fronteiras do universo?

Fagundes – Não. Para um otimista, "talvez em cinco anos". Um pessimista poderia responder "talvez nunca". Como sou, por natureza, um otimista moderado, diria algo em torno de 15 anos.

JU – As descobertas da Física, notadamente da chamada Física de ponta, costumam passar ao largo dos países em desenvolvimento, como o Brasil, exceções feitas a César Lattes, Mário Schenberg e Marcelo Gleiser. Como se explica a inclusão do seu nome entre os grandes do mundo, na área?

Fagundes – Tive a sorte de ter poucos concorrentes, no início, provavelmente dada a dificuldade de testes observacionais. Isso colaborou para que eu fosse um dos pioneiros nestas investigações e para que o meu nome se tornasse conhecido.



CONSÓRCIO



RAPIDEZ

A cerimônia e Rosaly: vantagens

Haja fôlego!

Programa facilita acesso a revistas científicas, que somam quase 1 milhão de títulos

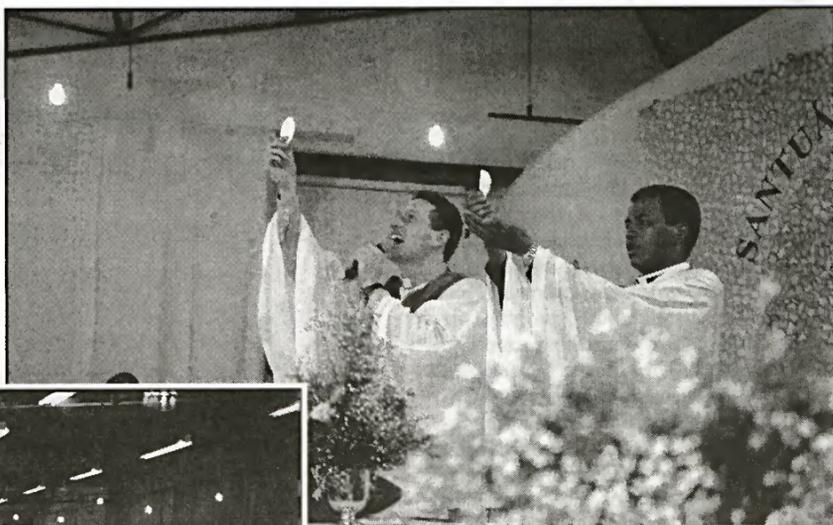
Em 1948, havia 20 mil revistas científicas em todo o mundo. Em 1979, o número passou para 100 mil, saltando para 890 mil em 1998. Projeções apontam que, no ano 2000, o número de publicações especializadas pode chegar a 1 milhão, tornando quase impossível administrar o crescimento exponencial de toda essa informação. Por isso, estão sendo criados mecanismos para organizar essa explosão de periódicos científicos. Um deles, o Programa Biblioteca Eletrônica (ProBE), foi lançado, em maio último, no auditório da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). "Ao viabilizar mais este programa, estamos cumprindo nossa missão de criar novas oportunidades para a comunidade científica do Estado de São Paulo", disse, na ocasião, Carlos Henrique de Brito Cruz, presidente da Fapesp.

Na cerimônia, foram assinados dois contratos. O primeiro estabelece um consórcio entre USP, UNESP, Unicamp, Unifesp, UFSCar e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), que será a base operativa do ProBE. O reitor Antonio Manoel dos Santos Silva assinou o documento, pela UNESP. O segundo contrato, assinado entre a Fapesp e a Elsevier Science Inc., disponibilizará os 606 títulos desta editora holandesa, especializada em publicações científicas, aos pesquisadores ligados às instituições consorciadas. Isso ocorrerá por meio da ANSP, a rede que é a via de conexão à Internet de todas as instituições vinculadas ao sistema de ciência e tecnologia do Estado de São Paulo. "O ProBE permitirá o acesso a esses periódicos de 11 500 docentes e 114 mil alunos de graduação e pós-graduação das três universidades estaduais paulistas e das duas federais", explicou a coordenadora operacional do ProBE, Rosaly Fávoro, diretora técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.

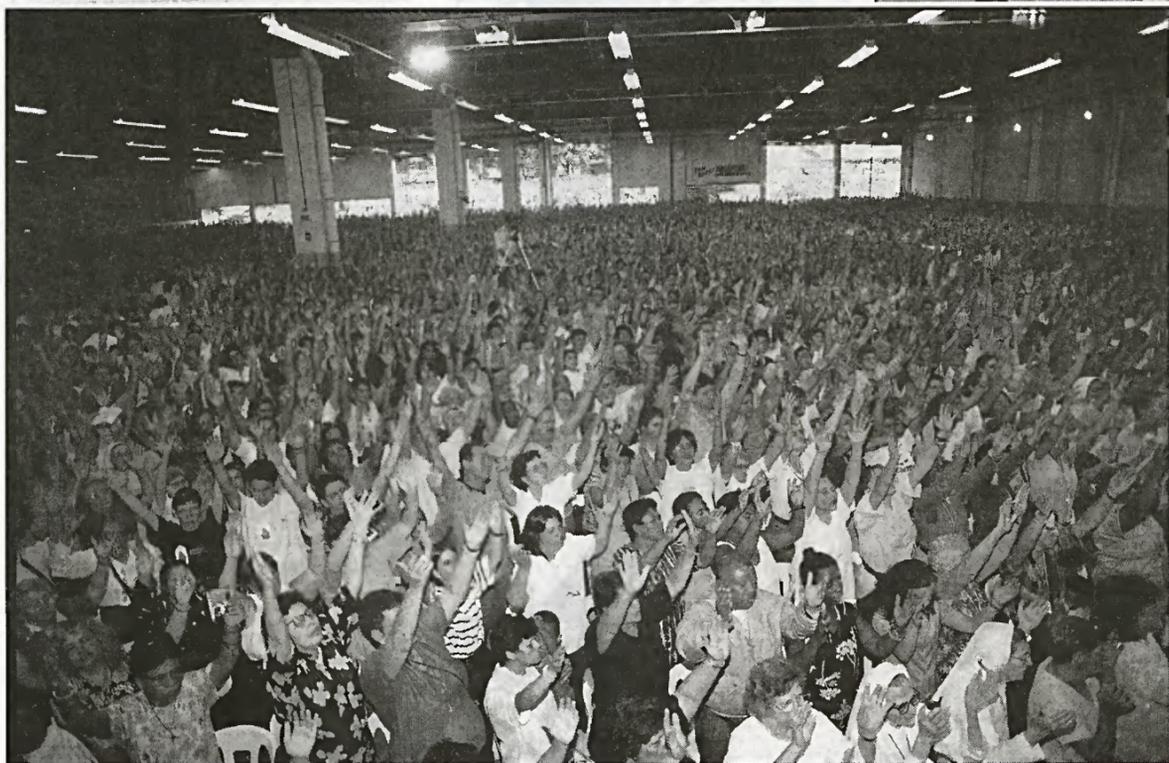
As vantagens do ProBE, segundo Rosaly, estão na maior rapidez de pesquisa, na redução da duplicidade de coleções assinadas em papel, na possibilidade de acesso múltiplo por vários usuários e na ampliação do universo bibliográfico do pesquisador. "O programa também elimina a necessidade de ampliar o espaço físico para guardar as revistas na versão em papel", acrescenta. "Estamos entrando em contato com outras editoras de publicações científicas internacionais para elevar a base de dados do ProBE, que entra agora numa fase de capacitação de recursos humanos, de operacionalização e de difusão do sistema", sinaliza.



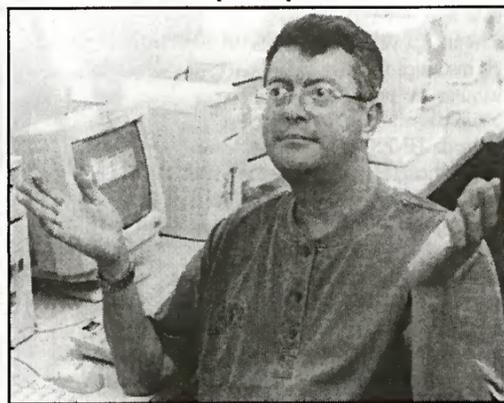
SHOWMAN
Padre Marcelo Rossi e fiéis, no templo do Terço Bizantino: palavra celebrada de forma descontraída



Fotos Regina Agrella



INTERAÇÃO
Campos: é preciso fazer barulho



Hélio Toth

Pregando no deserto

Pesquisador atribui êxodo de fiéis a falhas de comunicação da Igreja Católica

“Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão: desejaram morrer, mas a morte fugirá deles.” Esta frase, somada às outras profecias do livro bíblico *Apocalipse*, de São João, às superstições, às previsões de adivinhos como Nostradamus (1503-1566) e ao fascínio do ser humano por números redondos, está levando muita gente a crer que o mundo acabará no ano 2000. Por via das dúvidas, legiões de crédulos estão lotando igrejas, engrossando movimentos religiosos, partindo para experiências espiritualistas ou esotéricas e até fundando suas próprias seitas. É dentro desse contexto que a Igreja Católica está se preparando para celebrar o Jubileu do Nascimento de Jesus Cristo. Mas estariam padres e bispos católicos preparados para receber o impacto dessa onda de fiéis à procura de uma luz, em busca da fé?

Para tentar responder a esta pergunta, o ex-seminarista e jornalista Pedro Celso Campos, professor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da UNESP, câmpus de Bauru, resolveu estudar o assunto. O resultado foi sua dissertação de mestrado *Elementos de persuasão no discurso religioso — A comunicação por meio do mito*, que está sendo transformada em livro. “A Igreja perdeu e continua perdendo muitos fiéis por não saber se comunicar com o povo”, constata Campos. “Ela tem um potencial vastíssimo, mas não sabe usá-lo.”

Para ele, a Igreja erra ao não exercitar plenamente seu potencial de comunicação. “Por sua tradição e seus dogmas, pela riqueza de sua liturgia, por sua experiência através dos séculos, por sua posição de referência espiritual e sociológica para milhões de pessoas, ela deveria acreditar mais na comunicação e fazer isto em nível profissional”, sugere Campos. “Não basta pedir que alguém do povo faça

leituras da Bíblia durante a missa para simular uma interação entre o altar e a Assembléia se essa pessoa lê errado, come o final das palavras, faz pausas incorretas e mostra desconhecer totalmente o significado de nomes hebraicos e regiões da Judéia.”

LEITURA RUIM

Campos alerta que não está propondo um doutor para cada leitura. “O que quero dizer é que a comunicação transforma-se em ruído quando a leitura é ruim”, explica. “Em certa medida, cada padre deveria ser um comunicador nato, como o padre Marcelo Rossi, embora não precise se tornar um *showman*. Há muitos padres que celebram a palavra de modo descontraído e agradável sem parecer menos autênticos ou menos cultos.” É o que fazem, na opinião de Campos, certas seitas e outros credos. Seus pregadores fazem mais ‘barulho’, chamam a atenção da mídia, vão atrás do fiel, abrem templos na periferia, em cinemas ou em barra-

cões, como faz também Marcelo Rossi no templo do Terço Bizantino. A Igreja, pensa Campos, deveria seguir esse caminho.

Na verdade, os problemas de comunicação da Igreja não são de hoje. Datam da Idade Média, quando a Igreja Católica perdeu o monopólio do sagrado. Até então, era a detentora de todo o conhecimento, armazenado nos conventos. “A Igreja não precisava se comunicar, porque estava ao lado do poder”, explica Campos. “Foi só depois do Concílio de Trento, entre 1545 e 1563, uma resposta à Reforma de Martinho Lutero, que ela passou a se preocupar com o povo.”

Para realizar a pesquisa, o jornalista lançou mão da teoria estética do filósofo alemão Hans Robert Jauss, da Escola de Constança, na Alemanha, que concebe o texto como objeto histórico. “Ele estuda o papel do receptor que entende a mensagem através do processo de comparação”, esclarece. “No texto bíblico, são muitos os exemplos desse processo de comunicação em que são feitas comparações

para que o público entenda melhor.” Campos lembra que Jesus se comunica por parábolas. Ele está sempre dizendo que o reino dos céus é semelhante a isto ou àquilo e referindo-se a situações do contexto social, histórico e até doméstico do seu público-alvo, que era constituído, inicialmente, de pastores, pescadores e pequenos comerciantes.

INSPIRAÇÃO DIVINA

Campos também estudou a Nova Retórica do filósofo belga Chaim Perelman, utilizando o Sermão da Sexagésima, do padre Antonio Vieira (1608-1697), para explicá-la. “Perelman ensina que não é possível atingir a comunicação plena, num auditório heterogêneo como o da TV, por exemplo, se o operador do discurso não passar a noção de credibilidade”, explica. De acordo com Campos, no Sermão da Sexagésima, padre Vieira faz alusões muito didáticas a essa necessidade de coerência entre o que se faz e o que se prega. “Ele demonstra que, se as pessoas não se deixam persuadir, a falha não está nas pessoas ou na essência do discurso, mas no pregador.”

Por isso, o jornalista e pesquisador vê amplas possibilidades de a Igreja encontrar saídas para se comunicar melhor com seus fiéis e para arrebatar novos seguidores. “Ela tem dois mil anos de história e um discurso que resiste ao tempo, já que é um discurso de inspiração divina, que prega o amor entre todos os homens e que, neste momento, busca o diálogo e o ecumenismo.” Caso esta saída não seja encontrada e, como se espera, a Humanidade sobreviva às previsões catastrofistas de Nostradamus — e os fiéis, após a virada do milênio, vencido o medo do extermínio, esvaziam os templos —, o Brasil corre o risco de vir a se transformar, num curto espaço de tempo, no maior País ex-católico do mundo.

Evanildo da Silveira

O rebanho, cada dia menor

Católicos migram em direção às seitas evangélicas

Os números parecem comprovar as dificuldades que a Igreja está tendo para manter o seu rebanho. De acordo com dados do IBGE, ela vem perdendo fiéis década após década. Em 1940, por exemplo, 95% da população brasileira se dizia católica. Nas décadas seguintes, esse índice foi caindo para 93,5%, em 1950; 93,1%, em 1960; 91,7%, em 1970; 88,9%, em 1980; e 83,3, em 1991.

Essas ovelhas desgarradas não ficam extraviadas. Elas encontram abrigo nos templos das seitas evangélicas (ou pentecos-

tais, como também são chamadas), que vêm crescendo na mesma proporção em que a Igreja Católica vem decrescendo. Em 1940, apenas 2,6% dos brasileiros professavam cultos evangélicos. Hoje, esse índice beira 9%. Há regiões, no entanto, em que esse número é ainda maior. É o caso da Amazônia, onde os evangélicos estão chegando na frente. Lá, 11,31% da população prefere ser conduzida por pastores pentecostais, que normalmente pregam com palavras mais simples e num tom mais emotivo.

(E.S.)

ALIADOS DE VALOR

Excelência da pesquisa aumenta captação de recursos da UNESP junto às agências de fomento

OSCAR D'AMBROSIO

S e a genialidade pode ser descrita como a comunhão entre 1% de inspiração e 99% de transpiração, a pesquisa científica soma a essas variáveis uma terceira: recursos. Na atual sociedade, globalizada e altamente competitiva, a boa pesquisa surge exatamente de um boa idéia, de um trabalho exaustivo e de qualidade – e de dinheiro. É nesse momento que as universidades estaduais paulistas podem contar com poderosos aliados: as agências de fomento, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), repassaram cerca de R\$ 62 milhões à UNESP, em 1998. "A Universidade está ampliando seu espaço junto às agências de fomento. Temos um potencial enorme e acredito que poderemos captar muito mais nos próximos anos", avalia o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva (veja gráfico 1).

De 1991 até 1998, a UNESP aumentou significativamente seu percentual de captação de recursos junto à Fapesp nas modalidades de bolsas e auxílios. Naquele ano, arrecadou 5,04% do total da verba concedida pela instituição a universidades e institutos de pesquisa, atingindo, no ano passado, 13,76%. "O crescimento da UNESP, em termos de aumento da captação de recursos, é realmente impressionante. E está ocorrendo num período em que vivemos um aumento de demanda por recursos associado a um rigor crescente nas avaliações. A Universidade apostou na excelência da pesquisa e está colhendo os frutos", diz José Fernando Perez, diretor científico da Fapesp (veja tabela 1).

QUALIFICAÇÃO

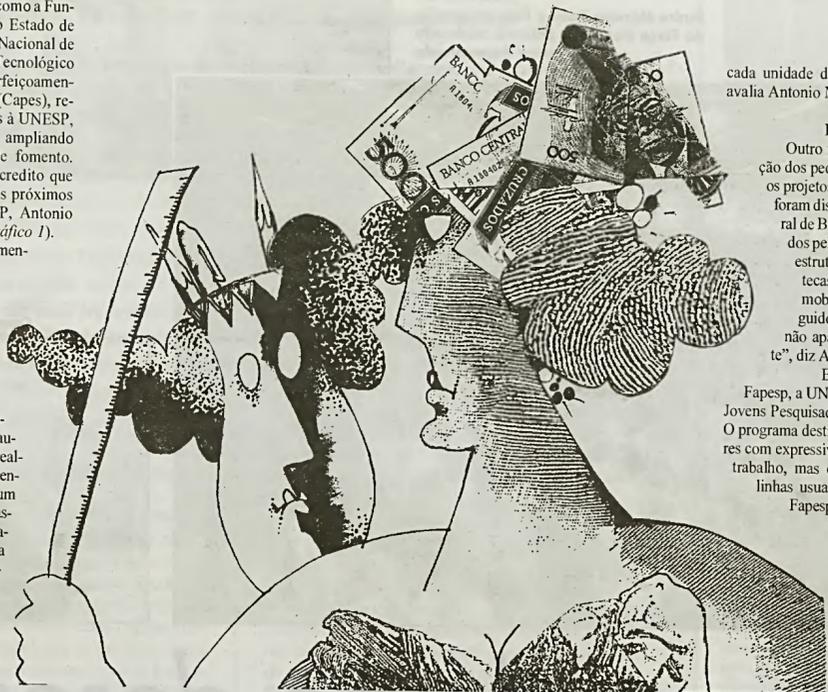
Para o reitor Antonio Manoel, há três razões para o aumento da captação de recursos da UNESP junto às agências de fomento: duas de ordem acadêmica e uma relacionada ao aprendizado da gestão de projetos de pesquisas. No aspecto acadêmico, a qualificação de docentes aumentou. "Tivemos um aumento do número de doutores. Em 1990, eram 1.439, passando a 2.192 no ano passado. E são eles que recebem, tradicionalmente, a prioridade para obter recursos junto às agências de fomento, pois têm a titulação e a experiência na elaboração de projetos e na participação em pesquisa."

Além disso, os pesquisadores da UNESP têm se mostrado cada vez mais dispostos a trabalhar em parceria. "Após uma resistência inicial, nossos cientistas estão aprendendo a montar equipes com outras instituições de ensino e pesquisa, como USP, Unicamp e UFSCar. Houve uma percepção da importância desse tipo de trabalho e as parcerias vêm acontecendo com frequência cada vez maior no desenvolvimento de pesquisas integradas", avalia o reitor.

Outro fator é o amadurecimento da UNESP na elaboração e gestão de projetos. Para Antonio Manoel, isso começou a acontecer em 1995, com o Programa de Apoio à Infra-Estrutura de Pesquisa do Estado de São Paulo, o Infra I, que conseguiu recuperar praticamente todas as instalações de pesquisa das instituições paulistas. "Esse programa modernizou laboratórios e sistemas de redes de informática e permitiu a melhoria das bibliotecas, a compra de livros científicos e técnicos e, em 1998, a recuperação de arquivos e museus", explica Perez.

GRANDE VIRADA

O diretor científico diz que o Programa Infra I foi uma grande virada não só para a UNESP, mas para todo o sistema de pesquisa paulista. Antonio Manoel lembra que, ao ter que se organizar para enviar projetos ao Programa Infra, a UNESP percebeu que não tinha *know-how* adequado na elaboração de projetos. Foi organizada uma comissão de professores e pesquisadores que já tinham essa experiência. "Todos os projetos para o Infra I passa-



cada unidade desenvolveu bem esse setor", avalia Antonio Manoel.

BIBLIOTECAS

Outro fator decisivo foi a centralização dos pedidos. "Um exemplo disso são os projetos da rede de bibliotecas. Todos foram discutidos na Coordenadoria Geral de Bibliotecas e são os mais elogiados pela Fapesp. Conseguimos assim estruturar uma boa rede. Nas bibliotecas inauguradas, por exemplo, o mobiliário foi quase todo conseguido com apoio da Fapesp. Isso não aparece muito, mas é importante", diz Antonio Manoel.

Entre os diversos programas da Fapesp, a UNESP se destaca no de Apoio a Jovens Pesquisadores de Centros Emergentes. O programa destina-se a apoiar os pesquisadores com expressiva atividade em seu campo de trabalho, mas que não são atendidos pelas linhas usuais de fomento à pesquisa da Fapesp. "É o programa mais adequado à natureza da UNESP, pois incentiva justamente os jovens pesquisadores, que ainda não têm a oportunidade de competir com os luminares da ciência", avalia o reitor. O programa contribui para formação de novos núcleos



FUTURO
Antonio Manoel: segredo de crescimento é auto-avaliação rigorosa



QUALIDADE
Perez, da Fapesp: novas lideranças

ram por uma análise dessa comissão na Reitoria, que apresentava as correções que julgava adequadas e os devolvia aos pesquisadores responsáveis, para que fizessem as alterações necessárias. Foi um importante processo de aprendizagem", recorda o reitor.

De fato, até 1994, a UNESP captava na Fapesp menos de R\$ 1 milhão, passando para cerca de R\$ 12 milhões no ano seguinte. "Após esse sucesso, no Infra II, em 1996, mesmo sem a necessidade do aval oficial da Reitoria, exigido anteriormente, muitas unidades solicitaram a visita de comissões para orientar a elaboração e o encaminhamento dos projetos", frisa Antonio Manoel.

Passou também a haver uma grande troca de experiências. Numa delas, uma equipe do Instituto de Química da UNESP, câmpus de Araraquara, foi convidada pelo Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, a fazer uma exposição sobre as melhores maneiras de encaminhar projetos à Fapesp. "Aprendemos a pedir, a fazer projetos e a brigar por eles. Amadurecemos e estamos altamente competitivos. Hoje, a Reitoria quase não precisa ficar acompanhando as solicitações às agências de fomento, pois

de pesquisa e para a sua difusão no território paulista. "É feito sob medida para instituições jovens, como a UNESP", avalia Perez, da Fapesp (veja gráfico 2).

A UNESP, para o reitor, ainda tem muito a crescer em termos de captação de recursos. Uma prova é a comparação entre os Projetos Genomas, organizados e financiados pela Fapesp. O primeiro, lançado em 1997, tinha como principal objetivo o sequenciamento da bactéria *Xylella fastidiosa*, causadora da praga do amarelinho que devasta os laranjeiros paulistas. Quatro dos 29

laboratórios aprovados nesse projeto eram da UNESP. "Além do aspecto quantitativo, também qualitativamente a UNESP está consolidando novas lideranças, como a dos pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, de Jaboticabal", elogia Perez, da Fapesp.

Dando prosseguimento a esse tipo de trabalho de ponta, neste ano, no Genoma-Câncer, a UNESP aprovou três entre os 25 laboratórios escolhidos pela Fapesp e, no Genoma-Cana-de-açúcar, a proporção subiu para cinco em 20. "O objetivo é ter um aumento progressivo em ter-

mos de laboratórios aprovados e da competência da pesquisa realizada", avalia o reitor.

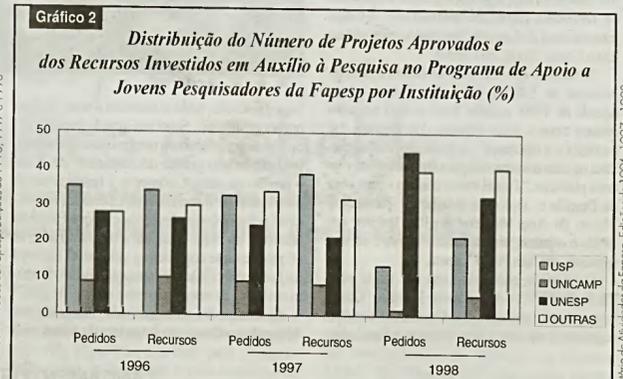
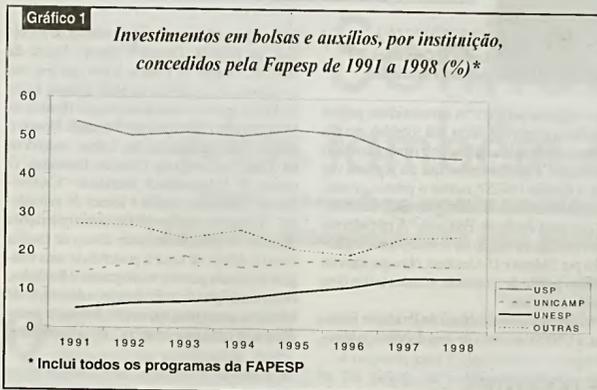
ECONOMIA E SABEDORIA

Outro fator que tem favorecido a ampliação do espaço da UNESP junto às agências de fomento é o estímulo da administração central para que as unidades universitárias convidem conselheiros e diretores da Fapesp para as solenidades de abertura de laboratórios e outras instalações que a instituição financia. "Isso dá uma visibilidade que, antes, a UNESP não ti-

na. As unidades, hoje, ao realizar inaugurações, preparam um vídeo e mostram como os recursos destinados foram aplicados com economia e sabedoria. Essa difusão institucional ajuda a UNESP a ganhar espaço", avalia o reitor.

Para Antonio Manoel, o segredo do crescimento da Universidade é a auto-avaliação rigorosa. "Todos os cursos que cresceram passaram por esse processo, corrigindo e mudando, se necessário, sua estrutura. Isso também possibilitou o crescimento da pós-graduação na UNESP e ocorre hoje com os grupos de pesquisa, que se avaliam e se comparam uns com os outros."

Muito do sucesso da UNESP, no futuro, segundo o reitor, depende de ela ter um sistema de avaliação institucional. "A cultura de avaliação precisa estar impregnada na instituição. Houve um tempo em que a avaliação era vista pela UNESP com temor, como se fosse uma caça às bruxas, mas isso passou. Há, sim, um receio, e é bom que exista, pois a avaliação, quando realizada com seriedade e competência, exige respeito e conduz a bons resultados", conclui Antonio Manoel.



É preciso ousar

Reitor da UNESP e diretor científico da Fapesp recomendam uma pitada de audácia

Tabela
Recursos captados pela UNESP junto às agências de fomento à pesquisa (1996-98)

AGÊNCIA	PROGRAMA	1996			1997			1998		
		ME	DO	RECURSOS R\$	ME	DO	RECURSOS R\$	ME	DO	RECURSOS R\$
CAPES	PICDT (Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica)	16	370	4.902.739,40	16	339	4.503.624,30	9	242	3.193.920,70
	Demanda Social	471	257	7.403.779,80	556	267	8.271.537,00	514	245	7.623.135,90
	Taxas Acadêmicas			4.339.799,10			1.332.690,00			0,00
	PROAP (Programa de Apoio à Pós-Graduação)			0,00			2.412.568,00			3.097.160,00
	Total			16.646.318,30			16.520.419,30			13.914.216,60
CNPq	Bolsas de Pós-Graduação	415	209	6.298.917,70	292	237	5.590.017,20	231	227	4.930.921,70
	PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica)	624		1.911.686,40	624		1.911.686,40	614		1.779.445,60
	Taxas de Bancada			0,00			1.677.005,00			1.643.640,50
	Total			8.210.604,10			9.178.708,60			8.354.007,80
FAPESP	Todos os Programas			25.719.370,00			35.438.545,00			39.376.028,00
	TOTAL GERAL			50.576.292,40			61.137.672,90			61.644.252,40

ME - Mestrado DO - Doutorado

potencial de desenvolvimento. Avançamos muito, mas ainda há um certo receio de pedir e receber um não", diz o reitor. Segundo ele, o importante é não desistir e ousar. "Qualquer solicitação a uma agência de fomento recebe uma resposta. Se for negativa, é preciso pedir reconsideração, usando todos os argumentos possíveis e se assessorando sempre que necessário. Foi assim que a pós-graduação ganhou força, reconhecendo erros e corrigindo-os."

Para José Fernando Perez, diretor científico da Fapesp, o estímulo à ousadia, que vem da administração central da UNESP, é positivo. "É um esforço oportuno, pois existe espaço para que projetos com mérito reconhecido recebam recursos. A Fapesp tem recursos para isso e está disposta a utilizá-los em pedidos de qualidade reconhecida."

Os dados mostram que a UNESP ocupa hoje um espaço bem maior do que há cinco anos junto às agências de fomento quanto à captação de recursos. Porém, ainda falta um pouco para que esteja mais presente nos comitês gestores e nas comissões que avaliam pedidos do CNPq e da Capes. Com o tempo, porém, a UNESP vai conseguindo o seu espaço. "Somos a segunda Universidade do País em número absoluto de doutores, atrás apenas da USP e, proporcionalmente, a terceira, atrás da USP e Unicamp. Por isso, embora não estejamos ausentes dos comitês de gestão do CNPq e da Capes, acredito que também não estamos presentes na proporção em que deveríamos", aponta o reitor.

PRÊMIO

Editora recebe Jabuti

Obra contemplada dá tratamento gráfico a texto do filósofo Jacques Derrida

Estabelecer um diálogo criativo entre um texto e sua interpretação visual é um grande desafio. A Editora UNESP, a Ateliê Editorial e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, IMESP, conseguiram essa proeza ao produzir, a partir de texto do filósofo francês Jacques Derrida e da concepção gráfica da artista plástica Lena Bergstein, *Enlouquecer o Subjétil*, obra que recebeu o Jabuti, na categoria Produção Editorial. A láurea foi entregue, pela Câmara Brasileira do Livro, em abril último, em solenidade que premiou os três melhores de 1998 em cada uma das 15 categorias em que a estatueta é outorgada. "Este prêmio é um incentivo para uma editora em formação, como a de nossa Universidade", disse o diretor-presidente José Castilho Marques Neto, logo após receber a estatueta, na cerimônia oficial de abertura do 1º Salão Internacional do Livro de São Paulo, realizada no Expo Center Norte, na Capital.

O caminho que levou a este Jabuti, o décimo primeiro da Editora, foi longo. Iniciou-se na década de 1980, quando Lena teve o primeiro contato com o texto clássico de Derrida, "A escritura e a diferença". A partir daí, ela mergulhou no universo das relações entre a escrita e as artes plásticas. "Tomei maior contato com a obra de Derrida e realizei a instalação 'Tenda', no Museu de Arte Moderna do Rio Janeiro, em 1992, e o painel arquitetônico 'Khora', no ano seguinte, em São Paulo", conta.

O próximo passo de Lena foi viajar para Paris, em 1994, onde conheceu Derrida. "Quando expliquei a ele o projeto, Derrida fez algumas sugestões e me deu o livro *Antonin Artaud, des-*



Hélio Toth



Os livros de Lena e Schapochnick: Derrida e cartões-postais

INCENTIVO
Lena e Castilho: 11º Jabuti recebido

sins et portraits, onde se encontra o texto 'Enlouquecer o Subjétil'. Senti um grande impacto e o desejo de transformá-lo num produto autônomo, com um projeto gráfico diferenciado", diz. Com o projeto na cabeça, começou a travar contatos para viabilizar a sua execução. Lena foi responsável pelas pinturas, desenhos e recortes textuais presentes na obra. "Realizei a diagramação e as 40 pinturas que compõem o volume. O objetivo foi justamente casar programação visual e formato em busca da integração entre texto e imagem."

O esforço foi recompensado. Integrada por 44 jurados, a Comissão Julgadora do Jabuti emi-

tiu o seguinte parecer: "A inventividade gráfica valoriza o ensaio filosófico, que combina, em sua feitura, a reflexão, a ilustração e o próprio objeto de estudo". Castilho lembra que é a segunda vez que a Editora UNESP recebe o prêmio, o mais tradicional do mercado editorial, criado em 1958, na categoria Produção Editorial. "A primeira foi em 1989, com a edição da *Enciclopédia*, organizada por Diderot e D'Alembert, obra que marcou o nosso padrão de qualidade: grandes textos com edição esmerada."

Além de receber o Jabuti de Produção Editorial, a UNESP teve um de seus docentes, o histo-

riador Nelson Schapochnick, professor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca, como um dos sete co-autores de *República: da Belle Époque à Era do Rádio*, terceiro volume da coleção *História da Vida Privada*, organizada por Fernando Novais e editada pela Companhia das Letras, vencedora do Jabuti na categoria Ciências Humanas. O ensaio de Schapochnick intitula-se "Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade". "Enfoco os cartões-postais como reiterações plásticas de laços de amizade; álbuns de família como o desejo de legar à posteridade uma imagem de triunfo pessoal; monogramas e bordados, como estratégias de individuação; e decoração de interiores como uma encenação destinada a produzir uma certa auto-imagem", diz o historiador.

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

Sopa de letras

Em quatro novidades, ingredientes para satisfazer os mais diversos paladares

EDUCAÇÃO



Sob a égide da LDB

Poucas palavras são hoje tão pronunciadas e conceituadas como cidadania. Maior ainda é a discussão que busca dimensionar como a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 20/12/96, pode contribuir para que todos os indivíduos tenham acesso aos direitos civis. *Nova LDB: trajetória para a cidadania?*, organizado pelas educadoras Carmen Silvia Bissolli da Silva e Lourdes Marcelino Machado, do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, reúne textos que almejam a construção de uma sociedade com mais educação e menos injustiça social. "Os oito artigos da coletânea tratam dos riscos, inconsistências, possibilidades e avanços da LDB vigente", diz Carmen. Num deles, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de graduação da UNESP, analisa os reflexos da nova legislação na Universidade em que atua. "O livro apresenta ainda um ementário da legislação básica que rege a atual organização da educação brasileira", declara Lourdes.

Nova LDB: trajetória para a cidadania?, de Carmen Silvia Bissolli da Silva e Lourdes Marcelino Machado (organizadoras). Editora Arte & Ciência; 192 págs.; R\$ 18,00.

ALFABETIZAÇÃO

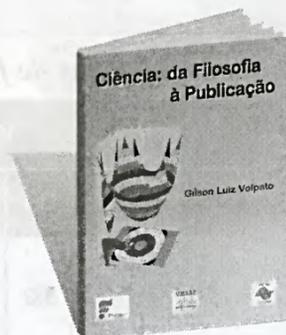


Oba, hoje tem aula!

O que significa alfabetizar hoje? O que fazer com a falta de atenção dos alunos? Com o progresso tecnológico das últimas décadas, as crianças apresentam novas expectativas de ensino e não aceitam mais cansativas aulas expositivas. Esse descontentamento com o ensino tradicional pode – e deve – ser combatido desde os primeiros anos da vida escolar. Afinal, tornar a alfabetização agradável e proveitosa é o grande desafio dos educadores contemporâneos. O tema, discutido longamente no Curso de Especialização "Alfabetização", oferecido pelo Departamento de Educação do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Rio Claro, gerou *Alfabetização: aspectos teóricos e práticos*, volume organizado pela educadora Maria Cecília de Oliveira Micotti, professora do IB e coordenadora do curso. "Reuni sete textos, de docentes e alunos, que apresentam reflexões e relatos de experiências vividas em salas de aula", ela diz.

Alfabetização: aspectos teóricos e práticos, de Maria Cecília de Oliveira Micotti (organizadora). Curso de Especialização do Departamento de Educação do IB, câmpus de Rio Claro; 150 págs.; R\$ 12,00.

CIÊNCIA



Rigor sem chatice

Não raro nos deparamos com pesquisas brilhantes, mas que perdem muito de seu interesse por serem mal redigidas ou apresentadas sem criatividade. Em *Ciência: da filosofia à publicação*, o biólogo Gilson Luiz Volpato, professor do Departamento de Fisiologia do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Botucatu, mostra como filosofia, psicologia, estatística, boa comunicação, sociologia, bom senso e crítica podem caminhar juntos na atividade acadêmica. O livro começa discutindo o que é uma pesquisa científica e passa por suas etapas: ter uma boa ideia, estabelecer um objetivo, planejar a pesquisa, realizar a coleta de dados e analisar e interpretar criticamente o que se tem em mãos. A partir daí, é necessário conhecer os segredos da comunicação científica, para redigir textos que tenham qualidade total. O autor discute ainda a quantas anda a formação de cientistas no Brasil. "Enfoco desde as bases filosóficas à prática cotidiana. Acredito que nenhum aspecto da formação pode ser relevado", avalia Volpato.

Ciência: da filosofia à publicação, de Gilson Luiz Volpato. Funep, Centro de Aquicultura da UNESP e Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, câmpus de Jaboticabal; 208 págs.; R\$ 25,00. Informações: 0800-553326.

AGRONOMIA

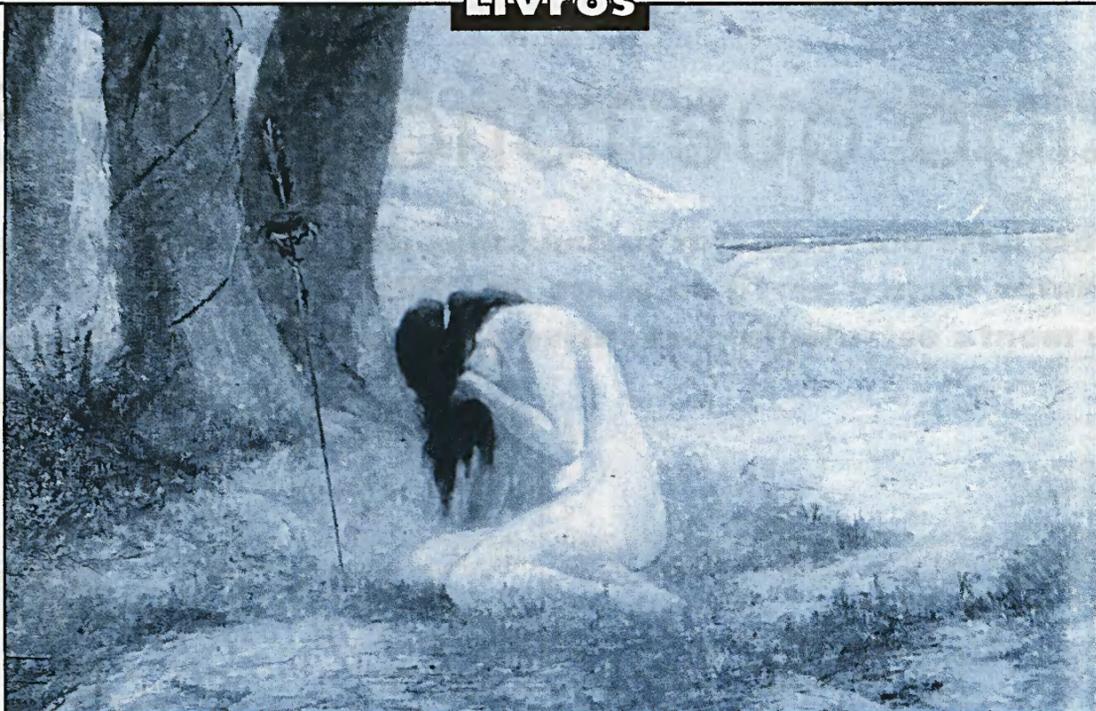


De comer e de curar

O estudo de plantas medicinais e condimentares, como marcela, camomila, arnica, alecrim e menta, estudadas por um enfoque agrônomo, está em ascensão. Se, em 1991, havia apenas um trabalho por ano desse tipo, o número cresceu para mais de dez anualmente. *Plantas Medicinais e Condimentares: avanços na pesquisa agrônoma* busca reunir esse material até agora disperso. Para isso, apresenta artigos de pesquisadores de todo o Brasil que, entre 1991 e 1996, enfocaram aspectos agrônômicos de espécies medicinais, exóticas ou nativas. "O resultado são dois volumes que servem como instrumento de apoio aos cursos de graduação e pós-graduação em Agronomia", diz o engenheiro agrônomo Lin Chau Ming, professor do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu, organizador dos volumes.

Plantas Medicinais Aromáticas e Condimentares: avanços na pesquisa agrônoma, de Lin Chau Ming (coordenador). Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, câmpus de Botucatu; 2 vols. (220 págs. + 240 págs.); R\$ 10,00 por volume. Informações: (014) 821-3883, ramal 172.





Iracema (1909), óleo sobre tela de Antônio Diego da Silva Perrenes (1869-1937)

QUIMERA
A Virgem de Lábios de Mel: escapismo e elos com a modernidade

Karin Volobuef
Frestas e Arestas
A Prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil



Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil, de Karin Volobuef. Editora UNESP; R\$ 35,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Sonhador, sim. Mas também crítico e rebelde

Entre arroubos apaixonados, o romantismo teria semeado o espírito inconformista que germinou nas vanguardas deste século

ALEJANDRO FABIAN

Quando se ouve a palavra romantismo, num átimo vêm à mente histórias excessivamente sentimentais, repletas de eventos inverossímeis. A literatura do gênero seria sonhadora, quimérica e escapista, repleta de mancebos de garbo, donzelas delicadas, virgens ruborizadas, jovens contemplando a lua, apaixonados doentes de amor e, claro, mortes trágicas. Exemplos dessa vertente não faltam: o suicídio de Werther, de Goethe, os infortúnios passionais das personagens de Camilo Castelo Branco, os lábios de mel de Iracema, o heroísmo de Ivanhoé e a platônica devoção de Peri pela bela Ceci. Mas seria o romantismo apenas isso? Essa é a pergunta, exposta por Karin Volobuef, professora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, logo na introdução de *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*, obra em que questiona as tradicionais definições de romantismo

tantas vezes apressadamente sumarizadas nos livros didáticos.

A resposta, para a pesquisadora, é negativa. Ela mostra que o romantismo, além dos arroubos apaixonados, pautava-se também pela liberação dos sentimentos e das aspirações pessoais e pelo seu caráter crítico e rebelde. Karin faz uma leitura comparativa dos romantismos alemão e brasileiro, especificamente da prosa de ficção. A premissa básica do livro é que não há um romantismo, mas várias possibilidades de romantismo.

NATUREZA E EROTISMO

Na Alemanha e no Brasil, para Karin Volobuef, o romantismo foi um período de afirmação da literatura nacional. Em ambos, segundo a pesquisadora, há a inclinação pela prosa, a rejeição aos imperativos da sociedade, a utilização da natureza com pinceladas de erotismo e o interesse pela cultura popular.

No entanto, o romantismo alemão seguiu uma linha extremamente intelectualizada, com veia filosófica, marcada pela proximidade com o inconsciente e pela nostalgia de terras remotas, enquanto o brasileiro, ao se concentrar na esfera da vida familiar, buscava cativar e entreter seus leitores, enfatizando o nacionalismo, a exploração geográfica e a observação de costumes nas mais variadas regiões do País. Além disso, o romântico alemão deseja transformar seu país, renovando estruturas arcaicas, diferentemente do brasileiro, que prefere valorizar o torrão natal contra os parâmetros lusitanos.

A pesquisadora enfatiza que a grande semelhança entre os dois romantismos está no espírito rebelde que o movimento legou às vanguardas do século XX. O romantismo alemão, portanto, é visto como a matriz do movimento expressionista (1910-25), já que ambos professam a liberdade de criação do indivíduo e o uso de técnicas que rejeitam a

cópia do mundo palpável. No caso brasileiro, o romantismo, que valoriza a natureza tropical, teria resultado na produção da Semana de Arte Moderna, de 1922, que exalta a mestiçagem das raças e o folclore popular, ou seja, aquilo que distingue o Brasil de outros povos. O regionalismo, iniciado com românticos como José de Alencar e Franklin Távora, teria se consolidado com Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

Dessa forma, o romantismo, seja na Alemanha ou no Brasil, segundo Karin Volobuef, mantém elos com a modernidade, situados na reavaliação constante de paradigmas e na valorização das formas de prosa de ficção, principalmente o conto e o romance. Além disso, embora se diferenciem em certas especificidades, os dois romantismos aproximam-se na atitude de renovação e no esforço de definir uma literatura nacional, desafios que enfrentaram com sucesso e que a autora analisa em profundidade.

A Medicina de amanhã: preventiva e humanista

Duas obras, complementares, apontam caminhos para que esta ciência minore os males da humanidade

A expectativa de vida de um homem, na pré-história, era de 18 anos. Hoje, na França, por exemplo, espera-se que as pessoas vivam entre 71 (homens) e 81 anos (mulheres). Com os avanços da Medicina, o número de idosos está aumentando, mas são poucos os países preparados para dispensar a eles uma vida decente. Paralelamente, é cada vez mais necessária a participação de médicos em questões que envolvem ética e moral, como a responsabilidade penal de alienados, a identificação de cadáveres e a esterilização voluntária de mulheres.

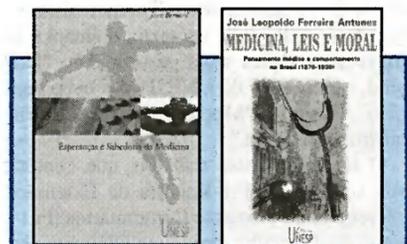
Dois livros, lançados pela Editora UNESP, enfocam justamente aspectos importantes dessas questões. Em *Esperanças e Sabedoria da Medicina*, o especialista em hematologia Jean Bernard discute as possibilidades da área no

próximo século, e em *Medicina, Leis e Moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*, o cientista social José Leopoldo Ferreira Antunes, professor da Faculdade de Odontologia da USP, aponta como se torna essencial a humanização da Medicina para que ocorra uma integração efetiva entre a prática médica e a realidade social.

Os dois livros se complementam. Bernard divide a Medicina em cinco períodos: o mágico (dominado por adivinhos e profetas), o grego antigo (Hipócrates observa sintomas, busca causas e estabelece diagnósticos), o de descobertas (a partir de 1859, surgem as primeiras vacinas e a cirurgia e a obstetria moderna), o terapêutico (começa em 1936, com a descoberta das sulfas, da penicilina e de outros antibióticos e hormônios) e o racional (iniciado nos anos 1960).

Bernard focaliza o último período, prevendo uma Medicina eficaz e preventiva. Em seu discurso, predominam a esperança de que a ciência possa diminuir a infelicidade dos seres humanos e a modéstia, expressa na consciência de que o progresso traz alguns efeitos perversos. Preocupações semelhantes orientam o trabalho de Antunes, que fez um levantamento do pensamento médico brasileiro entre 1870 e 1930, período no qual era comum a intervenção médica em questões morais, como a regulamentação da prostituição ou a obrigatoriedade do exame pré-nupcial.

Antunes e Bernard concordam em apontar que os grandes avanços da Medicina ocorrerão pela precocidade dos diagnósticos e pelas aplicações de dados adquiridos pelas novas técnicas na biologia fundamental, na fisiologia e na



Esperanças e Sabedoria da Medicina, de Jean Bernard. Tradução de Roberto Leal Ferreira; 196 páginas; R\$ 23,00. **Medicina, Leis e Moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)**, de José Leopoldo Ferreira Antunes; 306 páginas; R\$ 22,00. Ambos com descontos de 25% para a comunidade unespiana.

epidemiologia. No entanto, enquanto o primeiro teme que a medicina pública esteja sendo relegada a um segundo plano, o autor francês acredita que, em 2080, os médicos terão como guia a seguinte máxima do colega Jean Hamburger: "Não tratar cada caso como um desafio científico, mas sim como uma paixão". Tomara que Bernard esteja certo e que a máxima do médico francês possa ser estendida a todo o planeta.

Oscar D'Ambrosio



O perigo que ronda os câmpus

Com base em respostas estimuladas de 11 382 estudantes, psiquiatra traça o perfil do aluno da UNESP envolvido com drogas e monta estratégia preventiva para combater o problema

TÂNIA BELICKAS

A maioria tem entre 21 e 25 anos. Muitos são solteiros e vêm de famílias com bom poder aquisitivo. Moram em repúblicas, não trabalham e também pouco usufruem de bolsas de estudo. Uma grande parte frequenta cursos diurnos na área das Ciências Biológicas e, se tem religião, não é praticante. Esse é o retrato dos estudantes da UNESP que consomem drogas com certa regularidade. Entre esse grupo há um subgrupo, de 285 alunos, cerca de 2,3% do total, que bebe diariamente e usa drogas pesadas, como cocaína e crack. "Esses jovens são dependentes químicos e precisam de tratamento especializado", preocupa-se a psiquiatra Florence Kerr Correa, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu e coordenadora do Programa de Álcool e de Drogas na Universidade. Em março último, Florence divulgou os dados preliminares de um extenso trabalho sobre a ingestão dessas substâncias na UNESP. A pesquisa, em forma de questionário, foi respondida por 11 382 estudantes de graduação e de nível técnico, ou seja, 63,2% do total de alunos da Universidade. As perguntas foram adaptadas de um modelo elaborado pela Organização Mundial de Saúde, no qual foram inseridas questões a respeito do comportamento de risco, saúde mental e religião.

Com base nessas respostas, já se sabe, por exemplo, que o álcool e o fumo são as drogas legais mais consumidas entre os estudantes. Entre as ilegais, despontam a maconha e os solventes, principalmente o lança-perfume (veja quadro). Os alunos das Ciências Humanas, por exemplo, estão entre os que mais consomem cocaína, crack e alucinógenos. Num outro extremo, ficam os das Exatas, com o mais baixo índice de consumo de drogas, legais ou ilegais. Os homens, por sua vez, bebem mais do que as mulheres, que fazem uso freqüente de anfetaminas, calmantes e estimulantes, coadjuvantes nos processos de emagrecimento. Florence afirma, no entanto, que, neste contexto, o álcool é a droga psicotrópica mais preocupante. "No geral, o estudante da UNESP não bebe por vício", ela avalia. "Mas pode evoluir para um quadro mais grave."

O resultado desse trabalho, que contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex) e do Conselho dos Vice-Diretores da UNESP (Convidunesp), trouxe à tona alguns dados estaremcedores. Perto de 75% dos alunos admitiram ter bebido regularmente no último mês. Desse total, 30% costumam tomar drinques uma a duas vezes por semana. "A ingestão exagerada de bebidas alcoólicas é um problema social que abre a porta para outras drogas", observa o professor Reinaldo Monteiro, vice-diretor do Instituto de Biociências de Rio Claro e presidente do Convidunesp.

ACIDENTES NO TRÂNSITO

Embora Florence admita que a maioria dos universitários ingira bebidas alcoólicas de modo "recreativo" – não mais que duas doses por dia –, ela afirma que, mesmo assim, ficam mais propensos a se envolver em brigas ou a sofrer acidentes no trânsito. "Na pesquisa, 4,7% dos rapazes admitiram ter sofrido acidentes automobilísticos sob o

efeito do álcool e/ou drogas no último ano", contabiliza a psiquiatra. "As conseqüências do álcool no organismo irão variar de intensidade dependendo da estrutura física e dos hábitos de cada um" (veja quadro).

Os estudantes das Ciências Biológicas lideraram o consumo de tabaco nos 30 dias que antecederam a pesquisa. É a segunda droga legal mais usada pelos universitários – a primeira é o álcool. Enquanto a média total dos fumantes fica em torno de 26,5%, entre os homens, na área biológica sobe para 30,5%. O estudante Antônio (nome fictício, como os outros nomes de alunos que aparecem nesta reportagem), de 20 anos, terceiranista de Medicina em Botucatu, confirma os dados. "No intervalo, os corredo-

res ficam enfumacados." O aluno observa que é grande também o uso de anfetaminas, as chamadas "bolinhas", nos plantões médicos. "Tomam-se as pílulas para se ficar acordado", conta. Essa, aliás, é a terceira droga legal mais ingerida pelos estudantes, principalmente por mulheres. Solventes como o lança-perfume, mistura de clorofórmio e éter com efeito semelhante ao do álcool, são mais inalados pelos alunos das Biológicas, sobretudo pelos da Medicina. "Na UNESP, o uso de solventes é maior do que na USP, que nos supera no consumo de maconha", diz Florence.

Ainda assim, entre as drogas ilegais a maconha aparece em primeiro lugar na preferência dos estudantes. Cerca de 15% admitiu ter fumado *cannabis* no último mês, a maioria nas repúblicas. "Apenas



DEPRESSÃO
Florence: álcool e drogas em relação íntima com problemas emocionais

4,6% disse consumir drogas na moradia estudantil", compara a psiquiatra. Na turma das Humanas, no entanto, o uso da maconha é maior: cerca de 24,2% dos homens e 11% das mulheres fumam a erva.

DROGAS E LIBERDADE

Na pesquisa foi constatado um outro dado preocupante. De acordo com Florence, quem usou drogas ou bebeu mais que o recomendável também manifestou problemas emocionais e psicológicos. A análise das respostas relacionadas aos aspectos de saúde física e mental indicou que 30% das mulheres e 20% dos homens – cerca de 3 mil estudantes – necessitam de ajuda psicológica. "Quem usa droga pesada tem seus sintomas de depressão acentuados", esclarece ela.

A aluna Cecília, de 22 anos, quartanista do curso de História, em Assis, revela que a maconha é a droga mais consumida pelos estudantes do câmpus. "Acredito que isso aconteça pelo fato de os alunos ainda associarem drogas à liberdade", conjectura. A colega Maria, de 21 anos, terceiranista do curso de Ciências Biológicas, diz ser muito comum os calouros experimentarem um "baseado", pela primeira vez, em festas promovidas pelos veteranos. As observações da estudante são reforçadas por dados da pesquisa, que revelam que cerca de 10% dos alunos entraram em contato com as drogas depois que ingressaram na Universidade.

O consumo de drogas e álcool por estudantes de escolas de primeiro e segundo graus também pode ser considerado alto, na avaliação do psicólogo Nelson Silva Filho, da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis. Num estudo realizado em 1996 e 1998 com mais de 2 mil alunos da rede pública de duas cidades do interior do Estado, o psicólogo constatou que 27% deles bebiam e usavam drogas ilícitas, como maconha e cocaína, mais de uma vez por semana. "O consumo semanal, independentemente da variedade da droga, pode levar o usuário a tornar-se dependente", alerta ele.

RODA DE AMIGOS

Na pesquisa, Silva Filho constatou que 28% dos usuários, menores de 17 anos, já tinham se tornado dependentes químicos.

Uso de drogas e álcool no último mês (em %)

DROGAS	BIOLÓGICAS		EXATAS		HUMANAS		MÉDIA
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	
ÁLCOOL	83,2	75,1	78,6	67,6	78,8	66,8	74,4
TABACO	30,5	26,8	24,5	23,6	30,3	24,6	26,5
MACONHA	22,0	12,7	15,1	6,7	24,2	11,0	14,9
SOLVENTES	20,1	11,8	11,4	7,7	11,3	7,5	11,3
ANFETAMINAS	3,7	4,6	2,1	4,2	3,2	5,5	4,1
OPIÁCEOS	1,9	3,1	3,4	3,5	4,0	4,1	3,4
COCAÍNA	4,6	1,5	2,4	1,4	7,0	2,1	2,9
ALUCINÓGENOS	4,8	1,7	2,3	0,7	6,1	1,8	2,7
SEDATIVOS	2,2	1,5	1,3	1,5	2,0	2,0	1,8
ANTICOLINÉRGICOS	1,4	0,5	1,2	0,7	2,9	0,8	1,1
ECTASY	0,8	0,4	0,7	0,3	1,1	0,3	0,6
ANABOLIZANTES	1,3	0,2	0,9	-	1,2	0,3	0,6
CRACK	0,4	0,2	0,4	0,2	1,8	0,4	0,5

Fonte: Florence Kerr Correa



“Manterão o vício ao ingressar na universidade”, conclui. No caso da UNESP, que tem seus câmpus distribuídos pelo interior paulista, muitos calouros saem de suas cidades de origem despreparados para viver longe dos familiares e para enfrentar a novidade que representa uma universidade. “A incapacidade de adaptação rápida do aluno contribui para aproximá-lo do mundo das drogas, já que, nesta situação, ele busca a solidariedade do grupo.”

Nesse sentido, ambas as pesquisas comprovaram que as chances de um estudante se tornar um usuário de álcool ou drogas são maiores se ele estiver em turma. “Quando se está numa roda de amigos, quem bebe mais acaba incentivando o resto”, diz Florence. Cerca de 60% dos universitários bebem mais do que uma vez por semana junto a amigos e 58% disseram que consomem drogas em grupo. Apenas 6% costumam beber sozinho. Outro dado relevante mostrado na pesquisa refere-se à religião. Florence constatou que quem freqüentava a igreja ou orava até duas vezes por semana, bebia menos do que os outros. “Ter um credo é fator importante para resistir às drogas”, analisa.

Com todos esses dados em mãos, Florence Kerr Correa pretende montar em cada câmpus equipes formadas por professores e funcionários, para realizar um trabalho preventivo junto aos alunos, principalmente calouros. A prevenção, segundo ela, será centrada no consumo de álcool. “A idéia não é proibir, mas orientar”, afirma. Em julho, essas equipes serão treinadas pelo psicólogo americano Alan Marlatt, da Universidade de Washington, especialista na prevenção do uso de drogas e álcool entre os universitários. Cada câmpus receberá milhares de panfletos, ensinando o aluno a evitar riscos. “Queremos visitar todas as salas que tenham primeiranistas para explicar o programa e convidar aqueles que bebem a participar de terapias breves”, esclarece. O objetivo é diminuir o número de alunos – mais de mil – que passam a consumir drogas assim que colocam os pés numa universidade.

Moderação e estômago cheio

Folhetos explicam como evitar excessos alcoólicos

Cerca de 65% da população adulta brasileira ingere bebidas alcoólicas. Desse total, entre 5% e 10% é alcoólatra. A transição entre beber moderadamente e se tornar um alcoólatra ocorre de forma lenta. “A pessoa vai desenvolvendo tolerância ao álcool e necessita consumir doses cada vez maiores para obter os efeitos desejados”, explica a psiquiatra Florence Kerr Correa, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu.

No ambulatório do Departamento de Neurologia Psiquiátrica da FM, Florence costuma fornecer material de apoio aos pacientes que sofrem de algum problema com álcool. As recomendações contidas nos panfletos, os mesmos que deverão ser distribuídos aos alunos, advertem para que os homens não consumam mais do que dois drinques por dia durante uma semana, com um dia de abstinência, e as mulheres, não mais do que um drinke no mesmo período. Florence explica que um drinke deve ser entendido como uma lata de cerveja, uma taça pequena de vinho (150 ml) ou uma dose de bebida destilada (30 ml). “Deve ser levada em conta, também, a maneira como se bebe”, alerta. Tomar drinques de estômago vazio ou muito rápido pode acarretar conseqüências desagradáveis. “Quando uma pessoa bebe ‘de virada’, o nível de álcool no sangue se eleva abruptamente, prejudicando sua capacidade de processar informações”, explica Florence.

Para se evitar a bebedeira, a con-



centração alcoólica no sangue não deve ultrapassar o limite de 0,055%. A Universidade de Washington, nos Estados Unidos, montou uma tabela com a quantidade de doses que podem ser ingeridas por hora, de acordo com o peso e o sexo da pessoa (veja abaixo). Um homem de 80 quilos, por exemplo, que consumiu seis latas de cerveja em uma hora apresentará um teor alcoólico no sangue de 0,109 – terá, portanto, ficado embriagado.

NÚMERO DE DRINQUES POR HORA/HOMENS

PESO EM KG	54	64	73	80	90	100
Nº DE DRINQUES	CONCENTRAÇÃO ALCOÓLICA SANGÜÍNEA (%)					
1	0,015	0,010	0,007	0,004	0,002	0,001
2	0,046	0,037	0,030	0,025	0,021	0,018
3	0,077	0,064	0,054	0,048	0,040	0,035
4	0,109	0,091	0,077	0,067	0,059	0,052
5	-	-	0,101	0,088	0,077	0,069
6	-	-	-	-	0,096	0,088

NÚMERO DE DRINQUES POR HORA/MULHERES

PESO EM KG	45	54	64	73	80	90
Nº DE DRINQUES	CONCENTRAÇÃO ALCOÓLICA SANGÜÍNEA (%)					
1	0,029	0,021	0,016	0,012	0,009	0,006
2	0,074	0,059	0,048	0,040	0,034	0,029
3	0,119	0,098	0,080	0,068	0,059	0,051
4	-	-	0,112	0,096	0,084	0,074
5	-	-	-	-	-	0,096

Fonte: Universidade de Washington/Florence Kerr Correa

Quem entra na UNESP

tem vaga garantida no Programa

Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. • 6 meses de isenção nas principais tarifas. • Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
- RealCap Universitário. • Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!



Banco Real

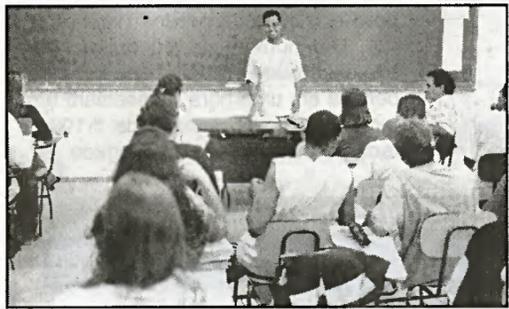
www.bancoreal.com.br



COMEMORAÇÃO

Para a frente. E para cima

Câmpus de Presidente Prudente comemora 40 anos, em franco crescimento qualitativo e quantitativo



EXTENSÃO
O cursinho (acima) e Meneghette Junior, com a maquete do câmpus: vocação para o crescimento



Fotos Hélio Tsch

Cento e vinte alunos da rede pública de Presidente Prudente estão sendo preparados para os próximos vestibulares na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) do câmpus da UNESP. Eles integram a primeira turma do cursinho pré-vestibular, em funcionamento na faculdade desde abril, ao custo de R\$ 25,00 por pessoa. As aulas são dadas por 19 alunos dos cursos da FCT. "Temos muitos graduandos em licenciatura e esta é uma ótima oportunidade para que eles aprimorem seus conhecimentos", afirma o professor Neri Alves, vice-diretor da faculdade.

Este cursinho, que conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, é o mais novo serviço entre os vários que a FCT tem oferecido à cidade e região ao longo de seus 40 anos de existência, completados em maio. "Parcerias com entidades públicas e privadas têm viabilizado relevantes serviços à população", destaca o professor Messias Meneghette Junior, diretor da FCT, até 1977 chamada de Faculda-

de de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente.

LEQUE DE SERVIÇOS

Como exemplo desses serviços, podem ser citadas as campanhas de coleta de sangue junto à população, os tratamentos fisioterápicos gratuitos, a disponibilização e apoio material e técnico a equipes esportivas locais, o fornecimento de boletins sobre previsão do tempo, a organização de atividades voltadas à terceira idade, a coordenação de congressos e seminários, com a participação de docentes e alunos, a reciclagem de professores da rede pública e a colaboração com programas educacionais relacionados à reforma agrária.

Esse leque de serviços é respaldado por um patrimônio físico que inclui salas de aula, laboratórios e biblioteca, dois campos de futebol, pista de atletismo, ginásio de esportes, piscina, creche, moradia estudantil, estação meteorológica, museu de arqueologia e antropologia e clínica de fisioterapia – num total de 380.827,50 m².

A FCT tem se destacado também na graduação, com sete cursos: Engenharia Cartográfica, Estatística, Fisioterapia, Educação Física, Geografia, Matemática e Pedagogia – estes quatro últimos, de licenciatura. No último vestibular, seus cursos ofereceram 430 vagas, 170 delas no período noturno. Também dispõe de cursos de pós-graduação nas áreas de Engenharia Cartográfica e Geografia. Atende cerca de 2.600 alunos e emprega perto de 400 profissionais, entre professores e servidores técnico-administrativos. "Planejamos criar outros cursos, como Física, cujo processo está em tramitação", acrescenta Meneghette Junior. "Nossa vocação é crescer", resume.

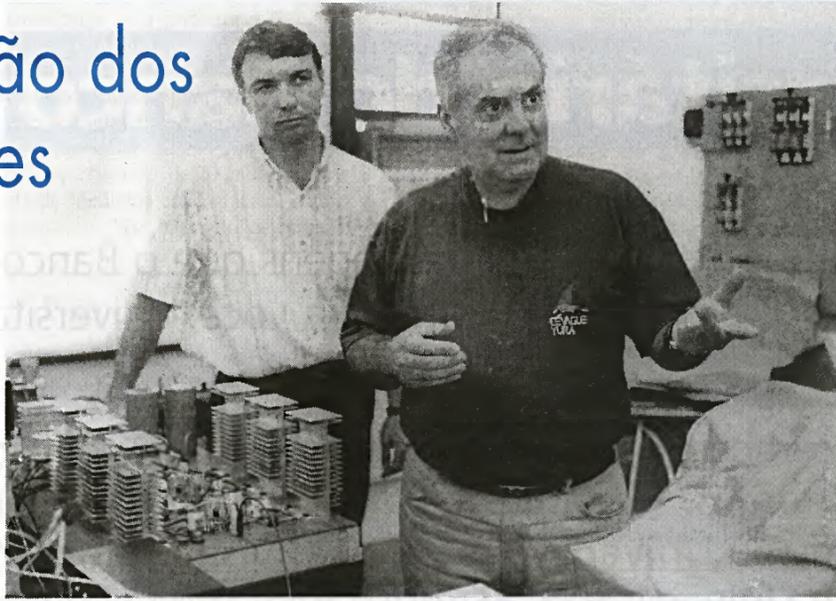
ENGENHARIA

A transformação dos transformadores

Livros registram evolução das máquinas elétricas

MÉRITO
Creppe e Simone: obras suprem carência bibliográfica

A evolução tecnológica trouxe grandes mudanças para a Engenharia Elétrica. Hoje, é cada vez mais essencial que os profissionais da área tenham uma formação matemática acurada. Pensando nisso, o engenheiro electricista Gilio Aluisio Simone, professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Bauri, elaborou e publicou, pela Editora Érica, dois livros: *Transformadores: teoria e exercícios* e *Conversão Eletromecânica de Energia: uma introdução ao estudo*. "São instrumentos didáticos impor-



tantes para alunos dos cursos de Engenharia", diz Simone.

Transformadores (R\$ 45,00) desenvolve equações matemáticas e aspectos físicos que regem as unidades transformadoras. Discute também diretrizes para o funcionamento paralelo de transformadores monofásicos e trifásicos. "Mostro ainda que o assunto transformadores é uma página aberta para a pesquisa. Num futuro próximo, com o advento de novos materiais compactados, a tecnologia de construção de transformadores dará um imenso salto", diz o docente.

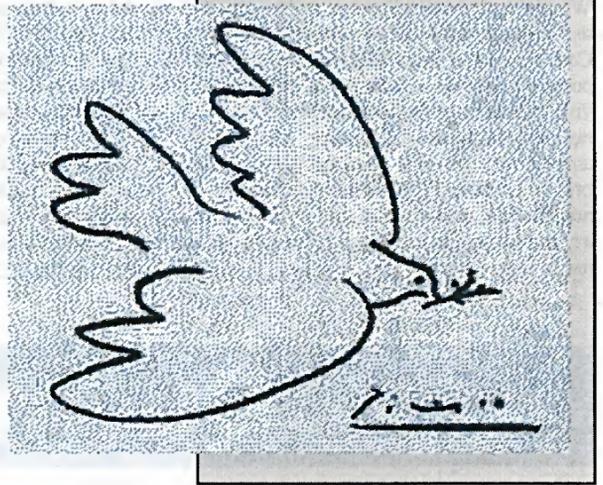
Simone, ao lado do também engenheiro electricista e seu colega de departamento Renato Crivellari Creppe, está lançando *Conversão Eletromecânica de Energia: uma introdução ao estudo* (R\$ 45,00). "É o resultado de um curso que foi amadurecendo durante 15 anos. Com ele, é possível oferecer um embasamento sólido para o desenvolvimento de disciplinas ligadas ao ramo das Máquinas Elétricas e dos Transformadores Elétricos", avalia Creppe. "O maior mérito dos livros é suprir uma marcante deficiência de bibliografia na área", completa Simone.

MOBILIZAÇÃO

Sou da paz

Desde que presenciou, em 1998, na Praia Grande, o assassinato de seu colega de setor, Julian Gobi, Isabel Torrente Perez vem se batendo pelo combate à violência. Responsável pelo Grupo de Desenvolvimento de Sistemas da Assessoria de Informática da UNESP, Isabel trouxe, para a homepage da Universidade, o site do Comitê Nacional das Vítimas da Violência (Compaz). A entidade, que está se estruturando para se tornar uma organização não-governamental, ONG, foi criada em março último, em Brasília, por parentes de vítimas da violência.

O objetivo do Compaz é lutar pela paz, em várias linhas de atuação. Pelo computador, além de se informar sobre as atividades do comitê, os internautas podem se oferecer para trabalhos voluntários. "Estamos lutando, agora, pela aprovação de uma lei que reduz a maioria de penal para 16 anos", relata Isabel. O endereço eletrônico do Compaz é www.compaz.unesp.br



CONCURSO

E o vencedor é...

No próximo dia 26 de junho será divulgado o resultado do concurso da criação do logotipo do 1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, que deverá ser realizado em outubro deste ano. No total, 24 trabalhos de docentes, alunos e funcionários, de várias unidades da UNESP, foram inscritos no concurso, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária. O vencedor receberá um prêmio, em dinheiro, no valor de R\$ 1.000,00, a ser pago no dia 5 de agosto, além de um diploma.

O vencedor será escolhido, entre os dias 21 e 26 de junho, por uma comissão julgadora composta por dois docentes do Instituto de Artes do câmpus de São Paulo, dois da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauri e pelo coordenador do Programa de Atividades Culturais da UNESP (PAC).

O 1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP tem o objetivo de promover discussões com renomadas personalidades sobre a relação universidade-sociedade, possibilitando a elaboração de diagnósticos, propostas e ajustes para que as atividades de extensão da UNESP aconteçam com a eficácia desejada.



ARACATUBA

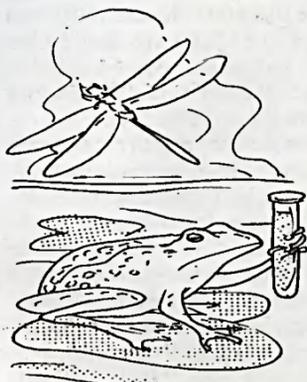
• 18/06. **Curso de Oclusão e ATM.** Ministrador: Dr. Howard Charles Tenenbaum (Universidade de Toronto, Canadá). Promoção do Núcleo de ATM. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (018) 620-3234 ou 620-3248.

ASSIS

• 25 e 26/06. **I Simpósio sobre História das Religiões.** Tema: Historiografia Brasileira sobre História das Religiões. Programação: conferências e sessões de comunicações. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (018) 322-2933.

BOTUCATU

• 1 a 18/06. Período de inscrição para o **Curso de Pós-Graduação em Agronomia.** Área de concentração: Agricultura. Na Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Informações: (014) 821-3883, ramal 132.
 • 7 a 11/06. **Simpósio sobre Flora, Fauna e Meio Ambiente** da região de Botucatu. Das 19h30 às 22h. No Instituto de Biociências (IB). Informações: (014) 820-6268.
 • 12 e 13/06. Curso técnico: **Noções Básicas de Limpeza Mecânica e Conservação de Papel e Fotografia.** Na FCA. Informações: (014) 821-3883.



• 15 a 16/06. **I Simpósio sobre Restauração Ecológica de Ecossistemas Naturais.** Promoção da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). No Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP (Piracicaba). Informações: (014) 821-3883.

• 21/06. Último dia de inscrição para o **Curso de Pós-Graduação em Agronomia.** Área de concentração: Energia na Agricultura. Na FCA. Informações: (014) 821-3883, ramal 132.
 • 27 a 29/06. **III Workshop de Manejo de Bacias Hidrográficas.** Promoção do Departamento de Ciências Florestais. Na FCA. Informações: (014) 821-3883.

FRANCA

• 09 e 19/06. Reunião dos Núcleos de Estudos e Pesquisa em **Direitos Humanos, Cultura e Cidadania e sobre Formação Profissional.**

AGENDA

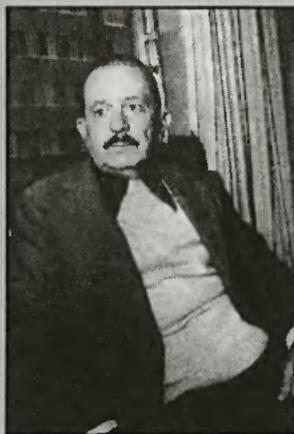
RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
 PELAS UNIDADES NO MÊS DE JUNHO

CICLO

Vida e obra de Werneck Sodré

Evento recupera a obra polêmica do pensador político

Autor de mais de cinquenta livros sobre história política e militar, literatura, geografia e jornalismo, o historiador Nelson Werneck Sodré, falecido em janeiro último, aos 87 anos, em Iguape, interior de São Paulo, concentrou seus estudos na possibilidade de transformar o País numa ótica democrática e socialista. Para discutir a vida e a obra desse socialista convicto, que teve seus direitos políticos cassados em 1964, o Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP promove, em sua sede, em São Paulo, nos dias 7 e 8 de junho, às 14h, o Ciclo Nelson Werneck Sodré, com a presença de docentes e pesquisadores de diversas universidades. "Sodré elaborou um projeto de revolução com o objetivo de superar nossas debilidades coloniais", diz o cientista social Paulo Ribeiro da Cu-



Sodré: defesa da revolução

Arquivo nha, professor de Teoria Política do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, que participará da mesa-redonda do dia 8, "Origens de um Pensamento Social de Esquerda (anos 1930-1940)". O objetivo do evento é recuperar o pensamento político de um autor que defendia a revolução na linha de pensamento do Partido Comunista Brasileiro. "Recuperar as posições polêmicas de Sodré e o pioneirismo de suas teses significa recuperar um pensamento que buscava valorizar o Brasil como projeto de nação", conclui Cunha. Novos debates estão sendo agendados para o segundo semestre. Informações pelo telefone (011) 252-0510, ou no próprio Cedem, à Rua Benjamin Constant, 36, região central de São Paulo.

Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações: (016) 711-1800.

GUARATINGUETÁ

• 28/06. Palestra na área de saúde: **Cefaléia.** Para a comunidade do câmpus. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (012) 525-2800

ILHA SOLTEIRA

• 07 a 11/06. Período de inscrição para o curso de atualização em **Segurança de Confiabilidade de Estruturas de Barragens de Concreto** a ser realizado em 17 e 18 de junho. Realização do Departamento de Engenharia Civil. Ministrante: Prof. Dr. José Manuel Leão Moura Ramos (Laboratório Nacional de Engenharia Civil - Portugal). No Anfiteatro da Biblioteca da Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (018) 762-3121

JABOTICABAL

• 10 a 11/06. Curso: **Qualidade da Água para a Aqüicultura.** Coordenação: Prof. Lúcia Helena Sipaúba Tavares. Na Sala 31 da Central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (016) 323-1322, ramais 223 e 224.
 • 24 e 25/06. **Técnicas de Processamento de Peixes.** Coordenação: Prof. Elisabete Maria Macedo Viegas. Na Sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 323-1322 ramais 223 e 224.

MARÍLIA

• 10 a 11/06. **II Encontro de Ensino de Estatística na Graduação.** Debates e conferências. Voltado para docentes, alunos de pós-graduação e graduação. Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295.
 • 11 e 12/06. Curso de "Caixa Ar-

tesanal: Pastas, Vídeos e Porta Trecos". Coordenação: Dra. Bárbara Fadel. Promoção: Departamento de Biblioteconomia e Documentação e FUNDEPE. Na FFC. Informações: (014) 421-1200.

PRES. PRUDENTE

• 07/06. Seminário **Integração do Portador de Deficiência: uma Realidade Escolar.** Às 19h30. No Saguão da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (018) 221-5388.
 • 09/06. Minicurso **Fatores de risco em doenças cardiovasculares,** voltado para a terceira idade. No Anfiteatro III da FCT. Informações: (018) 221-5388.
 • 10 a 12/06. **V Simpósio de Fisioterapia.** No Anfiteatro III da FCT. Informações: (018) 221-5388.
 • 23/06. Palestra: **Vulcões e Terremotos,** voltada para a terceira idade. No Anfiteatro III da FCT.

SIMPÓSIO

Paradigmas do conhecimento

Encontro debate formas de diálogo entre linhas de pesquisa

Como será a relação entre a universidade e a pesquisa no próximo milênio? Para responder a essa pergunta, a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, estará promovendo, de 7 a 10 de junho, o III Simpósio em Filosofia e Ciência, com a temática "Educação, Universidade e Pesquisa: paradigmas do conhecimento no final do milênio". Conferências, debates e comunicações buscarão promover o diálogo interdisciplinar e a divulgação científica entre diferentes linhas de pesquisa. Entre os expositores estrangeiros, destacam-se Mario Barité Roqueta, da Escuela Universitaria de Bibliotecología del Uruguay, e o mexicano Juan Alfredo Robinson Bustamante, do Center for Children of

Autism. "Será uma oportunidade única para consolidar espaços para que as Ciências Humanas estabeleçam seus cursos e programas", diz o coordenador do evento, o psicólogo Kester Carrara, da FFC. Durante as conferências e debates, os participantes buscarão estabelecer paradigmas para elevar qualitativamente os centros em que trabalham. "Vou apresentar um rápido apanhado do desenvolvimento da Linguística, abordando sua relação com outras disciplinas", diz o linguísta Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, professor da FFLCH da USP, um dos conferencistas. Informações pelo telefone (014) 421-1295, no Nac Eventos, ou pelo e-mail nac@marilia.unesp.br

Informações: (018) 221-5388.
 • 24 e 25/06. Campanha de **Doação de Sangue.** Nas dependências da UNAMOS da FCT. Informações: (018) 221-5388.
 • 25/06. Ciclo de mesas-redondas: **E por falar em 40 anos: o curso de Pedagogia da FCT.** No Anfiteatro I da FCT. Informações: (018) 221-5388.
 • 30/06. Teatro: **Arte e Recreação: o teatro em sala de aula.** Às 20h. Direção do Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes. No Anfiteatro I da FCT.

S. J. DOS CAMPOS

• 7/06. **Bruxismo: uma manifestação fisiológica normal e esperada ou uma manifestação patológica?** Voltado para os profissionais das áreas de odontologia, fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia. Ministrador: Paulo Isaias Seraidarian (UNESP). No Anfiteatro I da Faculdade de Odontologia (FO). Das 19h às 22h. Informações: (012) 321-8166, ramais 1305, 1409 ou 1111.

S. J. RIO PRETO

• 03/06. Último dia de inscrição para o curso de extensão **Física no 2º grau, Reforço e Aplicação dos Conceitos: Termodinâmica,** a ser realizado de 12 de junho a 24 de julho. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (017) 221-2237.
 • 14 a 15/06. Período de inscrição para o curso de pós-graduação "Lato Sensu" **Identidade Nacional, Educação e Desenvolvimento: Brasil e América Latina na Realidade Global,** a ser realizado de 6 de agosto a 18 de novembro. No Ibilce. Informações: (017) 221-2444.

SÃO PAULO

• 8 a 22/06. Exposição **Arte Cerâmica.** Realizada por jovens artistas do Instituto de Artes (IA), sob a coordenação da prof. Lalada Dalglish. Na Livraria UNESP. Informações: (011) 252-0630.

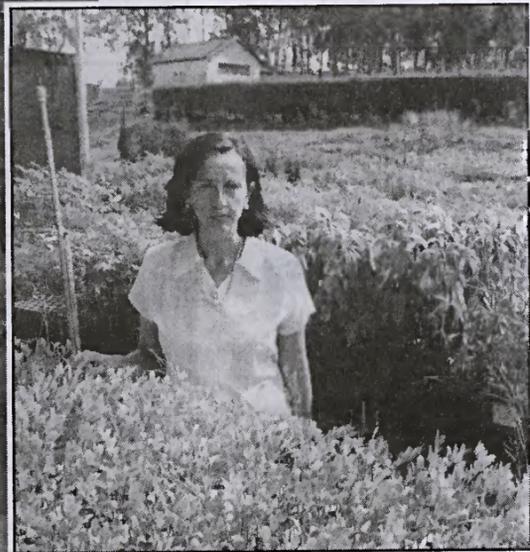


• 11/06. Palestra: **Neutrinos, as partículas fantasmas,** do projeto Física ao Entardecer, que aborda tópicos da física moderna. Palestrante: Prof. Dr. Adriano A. Natale. No Instituto de Física Teórica (IFT). Informações: (011) 3177-9073 ou 3177-9029.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
 - edição de julho, 17/06
 - edição de agosto, 16/07
 - edição de setembro, 16/08

S.O.S. Mata Atlântica



Hélio Toth

PLANTIO
Vera Engel e a Mata Atlântica: árvore não é obstáculo à agricultura

Mancha verde

Projeto busca recompor a Mata Atlântica, devastada desde o Descobrimento, devolvendo-lhe parte da cobertura original

“...**M**as, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves! (...) Ali ficávamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas prumagens, que o homem as não pode contar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.” Esse trecho, escrito em abril de 1500 por Pêro Vaz de Caminha, em sua carta ao rei de Portugal, D. Manuel I, comunicando o descobrimento do Brasil, é a primeira descrição do que depois viria a ser batizado de Mata Atlântica. Era uma floresta tropical que se estendia do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, ocupando uma área de um milhão de quilômetros quadrados — um terço da Amazônia. Então riquíssima em espécies animais e vegetais, hoje está reduzida a 7% do que era (*leia quadro*).

Pensando nisso e de olho na legislação, que, desde 1965, determina que toda propriedade rural tenha no mínimo 20% de sua área coberta por florestas, a engenheira florestal Vera Lex Engel, do Departamento de Ciências Florestais da Faculdade de Ciências Agrárias da UNESP, câmpus de Botucatu, está desenvolvendo um projeto de restauração da Mata Atlântica em sítios degradados no Estado de São Paulo. O trabalho é desenvolvido em parceria com o *Forest Service — International Institute of Tropical Forestry*, o Serviço Florestal dos Estados Unidos.

O projeto tem como objetivo estudar a viabilidade ecológica, econômica e social de alguns modelos de recuperação de áreas degradadas da Mata Atlântica, usando diferentes sistemas de plantio. De acordo com Vera, viabilidade ecológica é o grau com que cada sistema melhora as condições ambientais e promove a regeneração da vegetação nativa nas áreas plantadas. “Como viabilidade econômica, entende-se a relação custo/benefício de cada sistema, e, como viabilidade social, o grau de aceitação de cada sistema pelos proprietários rurais”, acrescenta a pesquisadora.

OBSTÁCULO À AGRICULTURA

Vera explica que, a partir 1992, a legislação ficou ainda mais rigorosa. A Lei Federal nº 8.171, daquele ano, determina que cada proprietário rural, quando for o caso, recom-

ponha a Reserva Florestal Legal, plantando, em cada ano, no mínimo, 1/30 da área total necessária. O problema é que a lei não está sendo cumprida. “O produtor rural brasileiro, principalmente nas regiões mais desenvolvidas, vê as árvores como um obstáculo à agricultura”, explica a engenheira florestal. “Além disso, dificilmente investe capital no plantio de florestas, cujo objetivo não é o de produção, mas simplesmente de conservação ambiental.”

Para atrair interesse e incentivar agricultores, Vera está desenvolvendo quatro modelos de recuperação de áreas degradadas, todos de baixo custo. São quatro sítios, de três hectares cada, localizados na Fazenda Experimental Edgardia, no câmpus da UNESP de Botucatu, onde é testado cada um dos modelos. O primeiro é misto, com espécies nativas plantadas entremeadas com culturas agrícolas. A idéia é que o agricultor possa usar esse espaço por dois ou três anos, até que a mata se feche. “As espécies usadas no reflorestamento também foram escolhidas levando isso em conta”, explica Vera. “São espécies de cres-

cimento rápido, como as leguminosas bractinga, pau-jacaré e canafístula, que em um ou dois anos começam a render lenha.” A fileira do meio é composta por árvores que fornecerão madeira-de-lei, como peroba rosa, cedro rosa e jequitibá branco, retirada de maneira planejada e sustentada.

MODELO INÉDITO

O segundo modelo, de acordo com Vera, é inédito. Em vez de, como é a norma, formar as mudas em viveiros e depois transplantá-las para a área a ser reflorestada, a pesquisadora da UNESP está testando a semeadura direta. “Além de reduzir custos, este método faz com que as árvores cresçam mais rápido, porque o seu sistema radicular se desenvolve melhor”, explica. O terceiro modelo é igual ao primeiro, só que sem agricultura no meio. O quarto modelo, mais caro, emprega cerca de 50 espécies nativas e só leva em conta o papel ecológico.

De acordo com Vera, o custo por hectare desses quatro modelos varia de R\$ 600 a R\$ 2.500. “É barato, se comparado com o

custo dos reflorestamentos da Companhia Energética de São Paulo, Cesp, que iniciou os reflorestamentos no Estado de São Paulo, há 25 anos, por US\$ 8.000 o hectare”. Hoje, esse valor caiu para US\$ 2.000, mas ainda é muito caro para os padrões dos pequenos agricultores paulistas. Até agora, Vera já plantou cerca de 30 mil árvores nos 12 hectares.

O próximo passo do projeto é a assinatura de um convênio com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, para transformar os resultados da pesquisa em política pública. “A meta é que o Estado atinja um índice de 25% de cobertura vegetal”, determina Vera. Não é muito, se comparado com o que havia quando os portugueses aqui chegaram: entre 1500 e o final do século XVIII, 82% do território paulista era coberto de matas. Mas os brancos já desceram em Pindorama empunhando o machado. É o mesmo Caminha quem dá testemunho deste fato: “Enquanto cortávamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande Cruz, dum pau que para isso se cortou”. E, desde então, não se parou mais de cortar árvores.

Evanildo da Silveira

Pau-brasil e onça-pintada. Lá tem de tudo

Floresta concentra uma das maiores biodiversidades do planeta

Em 5 de junho comemora-se o Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia. Mas, no que se refere à Mata Atlântica, pouco há o que festejar. A floresta concentra uma das maiores amostragens de biodiversidade do planeta, mas é também uma das mais ameaçadas pela degradação em todo o mundo. Não por outro motivo foi eleita, pela organização Conservation International, uma das dez mais importantes regiões do mundo, em termos de biodiversidade e prioridade de conservação.

Rica em espécies, muitas delas exclusivas, a Mata Atlântica ainda possui inúmeras madeiras valiosas, como o jacarandá-da-bahia (*Dalbergia nigra*) e o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*). Também os animais abundam

ali: gambás, tamanduás, preguiças, antas, veados, cotias e quatis, além de várias espécies ameaçadas de extinção, como o mico-leão-dourado, a lontra, a onça-pintada, o tatu-canastra e a arara-azul-pequena.

A história de degradação da Mata Atlântica é longa e de difícil contenção. “O fato de ela situar-se na faixa litorânea, marcada por alto nível tecnológico e grande industrialização, torna sua preservação ainda mais problemática”, explica a engenheira florestal Vera Lex Engel. “Os desmatamentos maciços ocorridos no passado foram em grande parte estimulados pelo próprio governo, devido à falta de uma política adequada de uso do solo e incentivos a grandes projetos de desenvolvimento rural.”

(E.S.)



Mico-leão-dourado ameaça de extinção

Fundação Biodiversitas